

# *Anna Roberts*

a escrever como J.D.Robb

## Sedução

*Tradução de Ana Mendes Lopes*

*A presente obra respeita as regras do Novo Acordo Ortográfico.*



*É verdade que falo em sonhos,  
Os filhos de um cérebro ocioso,  
Feitos apenas de fantasiosa vaidade.*

— WILLIAM SHAKESPEARE

*E todo o homem mata aquilo que ama,  
Que todos disto saibam,  
Uns fazem-no com um olhar amargo,  
Outros com uma palavra açucarada.  
O covarde fá-lo com um beijo,  
O corajoso com uma espada!*

— OSCAR WILDE



A morte aparecia nos sonhos. Ela era uma criança que nunca fora criança, enfrentava um fantasma que, não importava quantas vezes o seu sangue lhe banhasse as mãos, não morria.

O quarto estava frio como uma sepultura, nublado com a luz vermelha que piscava, acendia, apagava, acendia, apagava, contra o vidro sujo da janela. A luz espalhava-se pelo chão, pelo sangue, pelo corpo dele. Por cima dela, enquanto se aninhava no canto com uma faca, ainda na mão, coberta de sangue derramado até ao cabo.

A dor estava por todo o lado, sacudindo-lhe o corpo em ondas entorpecedoras sem princípio nem fim, que a rodeavam interminavelmente, trespassando cada uma das suas células. O osso do braço que ele partira, o rosto onde tão descuidadamente lhe batera. O centro do seu corpo mais uma vez rasgado, durante a violação.

Sentia-se aturdida pela dor, envolta em choque. E banhada pelo sangue dele.

Tinha oito anos.

Enquanto arquejava, via a própria respiração. Pequenos fantasmas que lhe diziam que estava viva. Sentia o sabor do sangue dentro da boca, um sabor agudo e terrível; sentia o cheiro do úis que por baixo do odor da morte fresca.

Estava viva e ele não. Estava viva e ele não. Entoava aquelas palavras, uma e outra vez dentro da sua cabeça, enquanto tentava retirar delas algum sentido.

Ela estava viva. Ele não.

E os olhos dele abertos e a fixá-la, a fitá-la.

Sorriram.

*Não te livras de mim assim tão facilmente, minha menina.*

A respiração dela acelerou-se, em arquejos entrecortados que se reuniam num grito. Pareciam querer rasgar-lhe a garganta. Mas a única coisa que se ouviu foi um gemido.

*Fizeste aqui uma grande trapalhada, não foi? És incapaz de fazer o que te mandam.*

A voz dele era tão agradável, luminosa com aquele humor sombrio que sabia ser o mais perigoso de todos. Enquanto se ria, o sangue jorrava pelos buracos que ela lhe tinha rasgado no corpo.

*O que se passa, minha menina? O gato comeu-te a língua?*

Eu estou viva e tu não. Eu estou viva e tu não.

*Achas?*

Ele agitou os dedos, numa espécie de provocação que a fez gemer de terror quando gotas vermelhas pingaram das pontas.

Desculpe. Não queria fazê-lo. Não me magoe mais. Magoou-me. Por que tem de me magoar?

*Porque tu és estúpida. Porque não me dás ouvidos! Porque — e este é o verdadeiro segredo — porque posso magoar-te. Posso fazer o que me apetecer que ninguém se rala contigo. Tu não és nada, não és ninguém e nunca te esqueças disso, minha pequena cabra.*

Naquele momento começou a chorar; as lágrimas frias e finas abriam sulcos pela máscara de sangue que lhe cobria o rosto. Vá-se embora. Vá-se embora e deixe-me em paz!

*Não vou fazer nada disso. Jamais o farei.*

Para seu grande horror, ele apoiou-se nos joelhos. Ficou ali agachado como um sapo saído de um pesadelo, ensanguentado e sorridente. A observá-la.

*Investi muito em ti. Tempo e dinheiro. Quem te dá a porra de um teto? Quem te põe comida no estômago? Quem te leva a viajar por este nosso grandioso país? A maior parte dos miúdos da tua idade não viram porra nenhuma, e tu já viste. Mas aprendeste alguma coisa? Não, não aprendeste. Fazes a tua parte? Não, não fazes. Mas vais fazer. Lembras-te do que te disse? Vais começar a ganhar o teu sustento.*

Ele levantou-se; era um homem grande, com as mãos cerradas em punhos ao lado do corpo.

*Mas agora, o papá tem de te castigar.* Deu um passo trôpego em direção a ela. *Foste uma menina má.* Mais um passo. *Uma menina muito má.*

Acordou com o próprio grito.

Estava encharcada em suor, a tremer de frio. Esforçou-se por respirar, debatendo-se loucamente para se livrar dos lençóis enrolados em que se envolvera à medida que atravessava aquele pesadelo.

Às vezes ele amarrava-a. Ao lembrar-se disso, fez pequenos sons animais, guturais, enquanto rasgava os lençóis.

Uma vez livre, rebolou para fora da cama, agachou-se ao lado dela, na escuridão, como uma mulher preparada para fugir ou lutar.

— Luzes! Completamente acesas. Oh, Deus, oh, Deus.

As luzes ligaram-se, escorraçando todos os resquícios de sombras do enorme e deslumbrante quarto. Ainda assim, percorreu-o com os olhos; olhou para cada canto, à procura de fantasmas, enquanto a sensação pavorosa do sonho lhe trespassava as entranhas.

Reprimiu as lágrimas. Eram inúteis e fracas. Da mesma forma que era inútil e sinal de fraqueza deixar-se amedrontar por sonhos. Por fantasmas.

Mas ali, enquanto se levantava para se sentar aos pés da enorme cama, continuava a tremer.

A cama estava vazia porque Roarke se encontrava na Irlanda e a sua experiência de dormir ali sem ele, sem sonhos, revelara-se um enorme fiasco.

Questionou-se se isso faria dela uma mulher miserável. Estúpida? Ou apenas casada?

Quando o gato gordo, *Galahad*, lhe deu uma turra no braço, pegou nele. Ficou ali sentada, a Tenente Eve Dallas, polícia há onze anos, reconfortando-se com um gato da mesma forma que uma criança faria com um urso de peluche.

O estômago contorcia-se com náuseas enquanto Eve continuava a balançar-se, rezando para não vomitar e acrescentar mais uma aflição àquela noite.

— Horas — ordenou e o mostrador do relógio da mesa de cabeceira piscou. *Uma e um quarto*, viu. Perfeito. Mal tinha conseguido dormir uma hora antes de acordar aos gritos.

Pousou o gato e levantou-se. Desceu da plataforma tão cuidadosamente como se fosse uma senhora de idade, atravessou o quarto e foi até à casa de banho.

Deixou a água correr fria, tão fria quanto conseguia suportar, depois lavou o rosto enquanto *Galahad* se enroscava nas suas pernas como se fosse uma fita rechonchuda.

Enquanto o gato ronronava no meio do silêncio, Eve levantou a cabeça e examinou o rosto ao espelho. Estava quase tão incolor como a água que pingava por ele abaixo. Os olhos estavam negros, com uma expressão magoada, exausta. O cabelo parecia um capacete castanho matizado e os ossos do rosto demasiado pontiagudos, demasiado próximos da superfície. A boca era demasiado grande, o nariz vulgar.

Questionou-se o que diabo via Roarke quando olhava para ela?

Podia ligar-lhe naquele instante. Já passava das seis da manhã na Irlanda e ele era sempre madrugador. Mesmo que ainda estivesse a dormir, não se importaria. Podia simplesmente pegar no comunicador, ligar-lhe e o rosto dele apareceria no ecrã.

Mas depois ele ia ver os pesadelos nos olhos dela. Que bem faria a qualquer um dos dois?

Quando um homem era dono da maior parte do universo, tinha o direito de viajar em negócios sem ser perseguido pela mulher. Neste caso em particular, o que o mantinha longe dela era mais do que negócios. Tinha

ido a um velório de um amigo e não precisava que ela lhe descarregasse em cima mais agitação e preocupação.

Eve sabia, embora nunca o tivessem discutido, que ele reduzira bastante as viagens que implicavam noites fora de casa. Quando ele dormia ao seu lado, os pesadelos não costumavam ser tão violentos.

Nunca tinha tido um pesadelo como aquele, em que o pai tivesse falado com ela *depois* de o ter matado. Ele dissera-lhe coisas que Eve pensava — e tinha quase a certeza — já ter ouvido da boca dele quando estava vivo.

Eve imaginou que a Dra. Mira, a famosa psicóloga e avaliadora de perfis da Polícia e Departamento de Segurança de Nova Iorque teria um dia em cheio ao analisar o significado e simbolismo de tudo aquilo.

Mas isso também não adiantaria de nada, decidiu. Por isso, guardou aquela pequena pedra preciosa para si. Ia tomar um duche, agarrar no gato e ir lá para cima, para o escritório. Ela e *Galahad* iam estender-se na grande poltrona de Eve e passar ali o resto da noite.

Quando a manhã chegasse, o sonho já se teria ido embora.

*Lembra-te do que te disse.*

Não conseguia, pensou Eve enquanto entrava no chuveiro e ordenava que todos os jatos se abrissem ao máximo a trinta e oito graus. Não se conseguia lembrar.

E não queria fazê-lo.

Quando saiu do duche, estava mais calma e por muito patético que fosse, vestiu uma camisa de Roarke para se reconfortar. Tinha acabado de pegar no gato quando o comunicador da mesa de cabeceira apitou.

*Roarke*, pensou, ficando consideravelmente animada.

Esfregou a face contra a cabeça de *Galahad* e respondeu:

— Dallas.

*Despacho. Para Dallas, Tenente Eve...*

A morte não aparecia só nos sonhos.

Eve estava agora perante ela, sob o ar cálido daquela madrugada de terça-feira, em junho. O passeio da cidade de Nova Iorque estava circunscrito, os sensores e blocos espalhados em volta do pavimento e dos coloridos tubos de petúnias que normalmente adornavam a entrada do edifício.

Gostava particularmente de petúnias, mas não lhe parecia que daquela vez fossem dar grande resultado. Nem tão-pouco nos tempos que se aproximavam.

A mulher estava deitada de rosto para baixo no passeio. A avaliar pelo ângulo do corpo, pelos salpicos e pelas poças de sangue, não devia restar muito do tal rosto. Eve olhou para cima, para a imponente torre cinzenta



com as varandas semicirculares e as passadeiras deslizantes em forma de fitas prateadas. Até conseguirem identificar o corpo, iam ter dificuldade em determinar de onde ela tinha caído. Ou saltado. Ou sido empurrada.

A única coisa que Eve tinha a certeza era: a queda tinha sido muito longa.

— Recolhe as impressões digitais e passa-as pelo arquivo — ordenou.

Olhou para o lado para a assistente, enquanto Peabody se agachava e abria o estojo de campo. O chapéu do uniforme de Peabody estava posicionado mesmo a meio do cabelo negro cortado absolutamente a direito. Ela tinha boas mãos, pensou Eve, e um bom olho.

— Porque não determinas a hora do óbito?

— Eu? — perguntou Peabody, surpreendida.

— Descobre a identidade dela, determina a hora do óbito. Regista a descrição da cena e do corpo.

Naquele momento, não obstante as circunstâncias sombrias, uma expressão de entusiasmo espalhou-se no rosto de Peabody.

— Sim, chefe. Chefe, o primeiro agente a chegar à cena tem uma potencial testemunha.

— Uma testemunha lá em cima ou aqui em baixo?

— Aqui em baixo.

— Eu trato disso.

Mas Eve ficou mais um instante onde estava, observando Peabody a passar as impressões digitais da vítima no leitor. Apesar de estar com as mãos e pés selados, não fez qualquer contacto com o corpo e procedeu ao registo com rapidez e delicadeza.

Depois de acenar com a cabeça em sinal de aprovação, Eve afastou-se para questionar os agentes que estavam no perímetro.

Apesar de serem quase três da manhã, havia espetadores, pessoas que observavam a cena de boca aberta, que tinham de ser encorajadas a ir às suas vidas e dispersar. Os abutres dos jornalistas já rondavam o local, a fazer perguntas e a tentar arranjar alguns minutos de filmagens para colocarem no ar antes da primeira leva de viajantes matutinos.

Num carro aéreo, um vendedor ambicioso tinha aproveitado a oportunidade e estava a fazer umas horas extra a vender à multidão. A grelha do seu carro expelia fumo com cheiro a cachorros de soja e cebolas hidratadas.

Parecia que o negócio lhe estava a correr muito bem.

Naquela maravilhosa primavera de 2059, a morte continuava a atrair audiência por parte dos vivos e daqueles que sabiam como fazer uns trocos rápidos com o espetáculo.

Um táxi passou por cima, sem sequer se dar ao trabalho de travar. Algures ao longe na baixa, ouviu-se o grito de uma sirene.

Eve ignorou-o e virou-se para o agente.

— Ouvi dizer que há uma testemunha?

— Sim, senhora. O Agente Young está com ela no carro-patrolha, para a manter afastada dos espetadores.

— Ótimo. — Eve observou os rostos para lá da barreira. Neles, viu horror, excitação, curiosidade e uma espécie de alívio.

*Eu estou vivo, tu não.*

Tirando aquela ideia da cabeça, procurou Young e a testemunha.

Considerando a vizinhança — apesar da dignidade e das petúnias, o edifício de apartamentos localizava-se mesmo no limite entre a zona agitada do centro e a parte mais baixa e corrupta da cidade —, Eve estava à espera de encontrar uma acompanhante registada, talvez um dependente de substâncias químicas ou um traficante a caminho de alguma marcação.

Não estava de todo à espera de encontrar a pequenina e coloridamente vestida mulher loura com um rosto bonito que lhe era familiar.

— Doutora Dimatto?

— Tenente Dallas? — Louise Dimatto inclinou a cabeça e os brincos de rubis brilharam como se fossem sangue vítreo. — Entra no carro ou quer que eu saia?

Eve espetou o polegar e segurou a porta do carro.

— Pode sair.

Tinham-se conhecido no inverno anterior, na Clínica de Canal Street onde Louise lutava contra a maré para oferecer possibilidades de cura a pessoas sem casa nem esperança. Era de famílias abastadas, tinha sangue azul, mas Eve tinha bons motivos para saber que Louise não se gabava de sujar as mãos.

Quase tinha morrido ao ajudar Eve a travar uma guerra feia durante aquele inverno gélido.

Eve olhou de relance para o vestido vermelho vivo de Louise.

— Está a fazer consultas ao domicílio?

— Tive um encontro. Alguns de nós tentam manter uma vida social saudável.

— E como correu?

— Apanhei um táxi para vir para casa, por isso pode tirar as suas conclusões. — Passou os dedos pelo cabelo curto e cor de mel. — Por que motivo há tantos homens enfadonhos?

— Sabe, essa é uma dúvida que me persegue de noite e de dia. — Quando Louise deu uma gargalhada, Eve sorriu também. — Apesar das circunstâncias, é bom voltar a vê-la.

— Pensei que ia passar lá na clínica, para ver as melhorias que a sua doação ajudou a implementar.

— Julgo que na maior parte dos locais se chama chantagem.

— Doação, chantagem, não sejam picuinhas. Ajudou a salvar umas quantas vidas, Dallas. Deve ser quase tão gratificante para si como apanhar aqueles que as tiram a outros.

— Ainda hoje deixei fugir uma vida. — Eve virou-se e olhou novamente para o cadáver. — O que sabe sobre ela?

— Na verdade, nada. Julgo que vive no edifício, mas neste momento não está no seu melhor, por isso não sei dizer. — Depois de uma longa pausa, Louise esfregou a nuca. — Desculpe, isto tem mais a ver com o seu trabalho do que com o meu. Foi a primeira vez que alguém quase me caiu nos braços. Já vi pessoas a morrer e nem sempre é uma passagem suave. Mas isto foi...

— Pronto. Quer sentar-se um pouco agora? Quer um café?

— Não, não. Deixe-me dizer o que tenho para dizer. — Recompôs-se, com um ligeiro endireitar de ombros e de costas. — Acabei com o encontro porque estava entediada e apanhei um táxi para casa. Tínhamos ido jantar a um clube na parte alta da cidade. Quando aqui cheguei, acho que era mais ou menos uma e meia.

— Vive neste prédio?

— Exatamente. No décimo andar. Apartamento 1005. Paguei o táxi e saí ali junto ao passeio. Está uma noite bonita. Pensei, estava uma noite tão agradável e fui logo desperdiçá-la com aquele idiota. Por isso, fiquei ali parada durante alguns minutos, no passeio, a questionar-me se devia ir para casa dormir ou dar um passeio. Decidi que ia subir, arranjar uma cápsula noturna e sentar-me na varanda. Virei-me e dei mais um passo em direção às portas. Não sei porque olhei para cima... não ouvi nada. Mas a verdade é que olhei para cima, e ela estava a cair, com o cabelo a esvoaçar como se fosse um par de asas. Não podem ter sido mais de dois ou três segundos. Mal tive tempo para compreender o que estava a ver, ela bateu no chão.

— Não viu de onde ela caiu?

— Não. Já vinha a cair e depressa. Jesus, Dallas. — Louise teve de parar por um instante, para afastar a imagem do pensamento. — Ela bateu com tanta força, e com um barulho realmente desagradável; vou ouvi-lo nos meus sonhos durante muito tempo. Não caiu a mais de um metro e meio ou dois metros do local onde me encontrava.

Inspirou novamente e forçou-se a olhar novamente para o corpo. Agora, por cima do horror, havia pena.

— As pessoas acham que chegaram ao fim da corda. Que não lhes resta mais nada. Mas não é verdade. Há sempre mais um pouco de corda. Há sempre mais qualquer coisa.

— Acha que ela saltou?

Louise voltou a olhar para Eve.

— Sim, parti desse princípio... Disse-lhe que não ouvi nada. Ela não fez qualquer som. Não gritou, não chorou. Não se ouviu nada exceto o esvoaçar do cabelo. Acho que deve ter sido por isso que olhei para cima. — Ficou pensativa. — Afinal acho que ouvi alguma coisa. Esse esvoaçar, como se tivesse asas.

— O que fez depois de ela bater no chão?

— Fui ver se tinha pulso. Palerma — disse Louise, com um encolher de ombros. — Sabia que ela estava morta, mas mesmo assim fui verificar. Depois peguei no transmissor portátil e chamei o 112. Pensa que foi emurrada? É por isso que está aqui.

— Ainda não penso nada. — Eve virou-se novamente para o edifício. Algumas das luzes estavam ligadas quando ali chegou, mas agora havia mais, por isso a fachada parecia um tabuleiro de xadrez vertical, com casas prateadas e pretas. — Os Homicídios são sempre chamados nestes casos. Faz parte dos procedimentos. Faça um favor a si própria. Vá para casa, tome um comprimido, desligue. Não fale com a imprensa, mesmo que venham a descobrir o seu nome.

— Bom conselho. Quando... quando souber o que lhe aconteceu, diz-me alguma coisa?

— Sim, posso dizer. Quer que um agente a acompanhe a casa?

— Não, obrigada. — Olhou uma última vez para o corpo. — Por muito má que a minha noite tenha sido, foi melhor que a de outras pessoas.

— Compreendo.

— Os meus cumprimentos ao Roarke — acrescentou Louise, encaminhando-se depois para as portas do prédio.

Peabody já estava de pé com o transmissor portátil na mão.

— Já tenho a identificação dela, Dallas. Bryna Bankhead, vinte e três anos, raça mista. Solteira. Residência no apartamento 1207 do edifício atrás de nós. Trabalhava na secção de roupa interior da Saks da Quinta Avenida. Determinei a hora do óbito à uma e quinze da manhã.

— Uma e quinze? — repetiu Eve, pensando nas horas que o relógio de cabeceira lhe indicara.

— Sim, chefe. Fiz a medição duas vezes.

Eve franziu o sobrolho para a sonda, para o estojo de campo e para a poça de sangue que se acumulara por baixo do corpo.

— A testemunha disse que ela caiu por volta da uma e meia. A que horas foi feita a chamada para o 112?

Ligeiramente constrangida, Peabody consultou o registo no transmissor.

— A chamada foi feita à uma e trinta e seis. — Expirou profundamen-

te, fazendo agitar a franja grossa e escorrida. — Devo ter metido água com as medições — começou por dizer. — Desculpa...

— Não me peças desculpa até eu te dizer que fizeste asneira. — Eve agachou-se, abriu o seu próprio estojo de campo e tirou a sonda. Depois fez pessoalmente a medição, pela terceira vez.

— A hora de óbito que determinaste está correta. Para que conste — continuou. — A vítima foi identificada como Bankhead, Bryna, causa de morte indeterminada. Hora do óbito, uma e quinze. Hora verificada por Peabody, Agente Delia e investigadora principal Dallas, Tenente Eve. Vamos virá-la, Peabody.

Peabody engoliu as perguntas que tinha na ponta da língua e a subida rápida da sua própria náusea. Para encarar aquele momento, procurou clarear as ideias, mas mais tarde iria pensar que virá-la foi como virar uma saca cheia de galhos partidos que nadavam por entre um líquido espesso.

— O impacto danificou seriamente o rosto da vítima.

— Chiça — disse Peabody entre dentes. — Realmente.

— Os membros e tronco também sofreram ferimentos severos, tornando impossível determinar qualquer eventual ferimento anterior à morte, pelo menos a partir de um exame visual. O corpo está desnudo. A vítima usa brincos. — Eve tirou uma pequena lupa e usou-a para examinar os lóbulos das orelhas da vítima. — Pedras coloridas encastradas em ouro, a condizer com o anel médio da mão direita.

Aproximou-se até os lábios estarem quase encostados ao pescoço da vítima — e a náusea de Peabody ergueu-se mais uma vez.

— Chefe...

— Perfume. Ela colocou perfume. Tu costumavas andar pelo teu apartamento à uma da manhã, Peabody, com joias elegantes e perfume?

— Se estiver no meu apartamento acordada à uma da manhã, o mais certo é estar com as pantufas em forma de coelho. A não ser que...

— Pois, já sei — disse Eve, endireitando-se. — A não ser que tenhas companhia. — Eve virou-se para a cena do crime. — Coloca-a num saco. Quero-a identificada como prioritária com o médico-legista. Quero que a examinem em busca de atividade sexual recente e qualquer ferimento anterior à morte. Vamos dar uma vista de olhos ao apartamento dela, Peabody.

— Ela não saltou.

— As provas indicam-nos o contrário.

Entrou no átrio do edifício com passadas largas. O átrio era pequeno e sossegado, munido de câmaras de segurança.

— Quero os discos da segurança — disse para Peabody. — Para começar, os do átrio e do décimo segundo piso.

Seguiu-se uma longa pausa enquanto entravam para o elevador e Eve

indicava o décimo segundo piso como destino. Depois, Peabody mexeu-se ligeiramente e disse, tentando parecer casual:

— Então... vais chamar a DDE?

Eve enfiou as mãos nos bolsos, franziu o sobrolho para as portas simples de metal escovado do elevador. A ligação romântica de Peabody com Ian McNab, um detetive da Divisão de Detecção Eletrónica, tinha acabado recentemente. *O que, pensou Eve amargamente, se alguém me tivesse dado ouvidos, não tinha corrido tão mal porque nunca sequer teria existido.*

— Aguenta-te à bronca, Peabody.

— Estou apenas a colocar uma questão razoável sobre o procedimento e não tem coisa nenhuma a ver com nada além disso.

O tom de Peabody era rígido o suficiente para transmitir insulto, sentimentos magoados e aborrecimento. Era muito boa naquilo, pensou Eve.

— Se durante esta investigação, eu, na qualidade de principal, achar que será relevante consultar a DDE, tomarei providências nesse sentido.

— Também podias solicitar um detetive sem ser aquele cujo nome não pronunciarei — resmungou Peabody.

— Quem gere a DDE é o Feeney. Não sou eu quem lhe diz que pessoal destacar para as várias solicitações. E caramba, Peabody, neste caso ou noutro qualquer, vamos ter de acabar por trabalhar com o McNab, e era exatamente por isso que nunca o devias ter deixado saltar-te em cima.

— Eu posso trabalhar com ele. Não me incomoda nem um pouco. — E com isto saiu furiosamente do elevador para o piso doze. — Sou uma profissional, ao contrário de outros que andam sempre a armar-se em espertos e se apresentam no trabalho com roupas estranhas, só para se exibirem.

Em frente da porta do apartamento de Bankhead, Eve ergueu as sobrancelhas.

— Está a dizer que sou pouco profissional, Agente?

— Não, chefe! Eu estava... — Os ombros retos descontraíram e uma centelha de humor voltou a entrar nos seus olhos. — Jamais chamaria as tuas roupas de estranhas, Dallas, apesar de estar quase certa que essa camisa que tens vestida é de homem.

— Se já acabaste com o teu ataque de mau humor, voltamos então aos registos. Utilizando um Código-Mestre para entrar no apartamento da vítima — continuou Eve, destrancando a fechadura. Abriu a porta e examinou-a. — A corrente interior e o ferrolho não estavam corridos. As luzes da sala de estar estão baixas. A que te cheira, Peabody?

— Ah... a velas, talvez a perfume.

— O que vês?

— Sala de estar, bem decorada e organizada. O ecrã de entretenimento está ligado. Parece uma clareira na primavera. Na mesa junto ao sofá,

veja dois copos de vinho e uma garrafa de vinho tinto aberta, indicando que a vítima teve companhia a determinada altura da noite.

— Muito bem. — Embora esperasse que Peabody tivesse ido um pouco mais longe, Eve acenou com a cabeça. — O que ouves?

— Música. O sistema de áudio está ligado. Violinos e piano. Mas não reconheço a melodia.

— Não a melodia, mas o tom — disse Eve. — Romance. Olha mais uma vez em redor. Está tudo nos seus lugares. Tudo arrumado, limpo e, como disseste, organizado. Mas deixou uma garrafa de vinho aberta e dois copos usados? Porquê?

— Porque não teve oportunidade de os arrumar.

— Ou de desligar as luzes, o áudio e o ecrã de entretenimento. — Eve avançou pela sala, olhou para a cozinha que ficava ao lado. As bancadas estavam limpas e vazias, com exceção de um saca-rolhas e da rolha da garrafa. — Quem abriu a garrafa, Peabody?

— A conclusão mais provável é que terá sido quem a acompanhava. Se tivesse sido ela, e seguindo os indícios do resto do apartamento, o saca-rolhas estaria arrumado e a rolha da garrafa no ponto de reciclagem.

— Hmm. As portas da varanda estão fechadas e trancadas por dentro. Se estamos perante uma autoterminação ou uma morte acidental, não foi aqui da varanda da sala. Vamos ver o quarto.

— Não achas que foi autoterminação ou acidente.

— Eu ainda não acho nada. O que sei é que a vítima era uma mulher solteira que mantinha o apartamento muito arrumado e que as provas nos indicam que passou pelo menos uma parte da noite em casa, acompanhada.

Eve virou para o quarto. A música também se fazia ouvir ali; notas fluidas, sonhadoras, que pareciam deslizar na brisa que entrava pelas portas abertas da varanda. A cama estava desfeita e os lençóis desordenados repletos de pétalas de rosa cor-de-rosa. Ao lado da cama amontoava-se um vestido preto, roupa interior preta e sapatos elegantes, também pretos.

Colocadas por todo o quarto, as velas ardiam na sua própria cera aromatizada.

— Interpreta a cena — disse Eve.

— Ao que parece, a vítima esteve em vias de se envolver, ou envolveu-se de facto, em atividades sexuais antes da sua morte. Não existem sinais de luta aqui ou na sala, o que indica que o sexo, ou os planos sexuais, foram consensuais.

— Isto não foi sexo, Peabody. Foi sedução. Vamos ter de descobrir quem seduziu quem. Regista a cena, depois arranja-me os tais discos da segurança.

Com o dedo selado, Eve abriu a gaveta da mesa de cabeceira.

— É a gaveta das guloseimas.

— Chefe?

— A gaveta do sexo, Peabody. As provisões de uma rapariga solteira, que neste caso incluem preservativos. A vítima gostava de homens. Um par de frascos de saborosos óleos corporais, um vibrador para momentos de autossatisfação quando necessário ou desejado, e lubrificante vaginal. É bastante básico, talvez até um pouco conservador e regular. Não existem brinquedos ou acessórios que indiquem que a vítima se inclinava para relações entre o mesmo sexo.

— Então a sua companhia era um homem.

— Ou uma mulher com esperanças de alargar os horizontes da Bankhead. Vamos descobrir através dos discos. E talvez tenhamos sorte com o relatório do ML e encontremos pequenos soldadinhos dentro dela.

Eve entrou na casa de banho contígua. Estava limpa e reluzente, com as toalhas debruadas com fita perfeitamente alinhadas. Havia sabonetes elegantes num prato igualmente elegante, cremes perfumados em frascos de vidro e prata.

— O meu palpite é que o parceiro de cama dela não andou por aqui nem tomou banho. Traz a equipa de verificação para processar o apartamento — ordenou. — Vamos ver se o nosso Romeu deixou alguma coisa para trás.

Abriu o armário dos medicamentos, observando o seu conteúdo. Tinha medicamentos normais de venda livre, nada de extraordinário. Seis caixas de pílulas contraceptivas de vinte e oito dias.

A gaveta por baixo do lavatório estava cheia, e meticulosamente organizada, de melhoradores cosméticos. Batons, pestanas postiças, sombras para rosto e corpo.

*Bryna passou muito tempo em frente a este espelho*, matutou Eve. Se o vestido preto, o vinho e as velas tivessem o propósito que Eve lhes adinvitava, então Bryna tinha passado um tempo considerável a olhar-se ao espelho. A preparar-se para um homem.

Dirigindo-se ao comunicador do quarto, Eve recuperou a última chamada e ficou ali, a ouvir a voz de Bryna Bankhead, muito composta no seu vestido preto, a contar os planos grandiosos para aquela noite, a uma morena chamada CeeCee.

*Estou um pouco nervosa, mas estou principalmente entusiasmada. Vamos conhecer-nos finalmente. Como estou?*

*Estás fabulosa, Bry. Lembra-te apenas que os encontros na vida real são diferentes dos encontros virtuais. Vai com calma e vai para um lugar público esta noite, está bem?*



*Claro. Mas sinto mesmo que já o conheço, CeeCee. Temos tanto em comum e há semanas que andamos a trocar e-mails. Além de que a ideia de nos encontrarmos foi minha... e a ideia de irmos beber qualquer coisa num local público para eu me sentir mais à vontade foi dele. Ele é tão atencioso, tão romântico. Deus, vou chegar atrasada. Detesto chegar atrasada. Tenho de ir.*

*Não te esqueças, depois quero os detalhes todos.*

*Conto-te tudo amanhã. Deseja-me sorte, CeeCee. Acho mesmo que este pode ser o tal.*

— Pois — murmurou Eve, enquanto desligava o comunicador. — Também eu.

No seu gabinete, na Central de Polícia, Eve voltou a ver os discos da segurança do edifício de apartamentos gravados no dia do crime. As pessoas entravam e saíam. Residentes e visitantes. Identificou duas louras esguias que se passeavam pelo átrio como acompanhantes registadas. *O dobro do prazer*, pensou enquanto viu uma delas a combinar o próximo trabalho no comunicador portátil, ao passo que a outra registava o compromisso numa agenda eletrónica.

Bryna Bankhead entrou apressada às seis e quarenta e cinco, com alguns sacos de compras na mão e o rosto agradavelmente ruborizado.

*Estava feliz*, pensou Eve. *Entusiasmada. Queria chegar a casa, tirar as coisas novas dos sacos e entreter-se com elas. Queria preparar-se, arranjar-se, mudar de ideias um par de vezes quanto à roupa que ia vestir. Talvez arranjasse qualquer coisa rápida para comer, para não ficar com o estômago nervoso.*

Uma típica mulher solteira ansiosa por um encontro. Uma mulher que não sabia que antes que o encontro acabasse, já faria parte de uma estatística.

Viu Louise entrar no edifício pouco antes das sete e meia. Também parecia apressada, mas ela andava sempre assim. Não havia qualquer centelha de aventura ou ansiedade no seu rosto, reparou Eve. Parecia distraída, um pouco cansada.

*Nenhum saco de compras para a Dra. Dimatto*, constatou. Levava apenas o estojo médico e uma mala tão grande como o Estado do Idaho.

Não era uma mulher solteira assim tão típica, pensou Eve, porque parecia já ter decidido que não ia apreciar a noite que tinha à sua frente.

E não sabia que a acabaria com um cadáver todo partido aos pés.

Louise foi mais rápida que Bryna. Saiu do elevador, com o seu vestido justo vermelho, às oito e quarenta. Elegante, não aparentava ser a perscrutadora de mentes dedicada e inflexível que trabalhava horas de mais.

Tinha um aspeto sofisticado, sensual e extremamente feminino.

O tipo que entrou quando Louise ia a sair do edifício concordava obviamente com esta avaliação. Depois de ela passar, o homem olhou demoradamente para o seu traseiro. Ela não reparou, ou então estava-se nas tintas e nem um olhar lhe dirigiu.

Um miúdo de cerca de dezoito anos saiu do elevador com um andar

gingão. Estava vestido de couro preto, dos pés à cabeça, e levava uma mota aérea debaixo do braço. Balançou-a para o chão enquanto abria as portas e subiu para a mota com uma agilidade e rapidez que Eve se viu forçada a admirar, depois saiu disparado pela noite dentro.

Eve bebeu um café enquanto via Bryna a sair do edifício, pouco antes das nove da noite. Ia quase a correr e Eve pensou que, com aqueles sapatos, ainda se arriscava a torcer um tornozelo só porque não queria chegar atrasada. O cabelo estava arranjado num apanhado alto e lustroso, como se fosse uma torre de ébano. O rosto tinha um delicado tom de caramelo e estava corado de ansiedade e nervos. Levava uma mala de noite pequena e os bonitos e vistosos brincos.

— Verifica os táxis em serviço num raio de um quarteirão em volta do edifício de apartamentos, Peabody. Ela estava com pressa, por isso, a não ser que se fosse encontrar com o tipo ali perto, deve ter apanhado um táxi.

Franziu o sobrolho enquanto andava com a gravação para a frente, parando apenas quando alguém entrava ou saía do edifício.

— Ela era uma mulher bonita — comentou Eve. — Parecia razoavelmente inteligente, tinha o seu próprio apartamento, um trabalho decente. Por que motivo uma pessoa assim vai à pesca de pretendentes no mundo virtual?

— Para ti é fácil dizer isso — resmungou Peabody, ganhando um par de olhos semicerrados na sua direção. — Bem, caramba, Dallas, tu és *casada*. Para o resto de nós, o mundo lá fora é uma selva, cheia de macacos, cobras e babuínos.

— Já alguma vez foste a estes sítios virtuais?

Peabody mexeu os pés com desconforto.

— Talvez. E não quero falar sobre isso.

Divertida, Eve voltou a observar o vídeo.

— Eu fui solteira durante muito mais tempo do que sou casada. E nunca recorri ao mundo virtual.

— Grande coisa, quando se é alta, magra, se tem olhos de felino e uma certa covinha sensual no queixo.

— Estás a atirar-te a mim, Peabody?

— O meu amor por ti é feroz, Dallas. Mas já desisti de andar com polícias.

— Sábia decisão. Ah, ali vêm eles. Parar imagem.

O relógio marcava vinte e três horas e trinta e oito minutos. Nas duas horas e pouco que se passaram, Bryna tinha obviamente estado muito aconchegada ao seu encontro virtual. Chegaram com os braços em volta das cinturas um do outro, e a rir.

— Ele tem um excelente aspeto — disse Peabody, inclinando-se para

o ecrã. — É uma espécie de resposta às preces de qualquer rapariga. Alto, moreno e bonito.

Eve emitiu um pequeno grunhido. Estimou que o homem devia ter pouco mais de um metro e oitenta, com cerca de 85 quilos. O cabelo escuro e encaracolado estava puxado para trás numa melena controlada que caía sobre os ombros. A pele era poeticamente pálida, acentuada por pontos brilhantes de esmeralda nos cantos da boca e nas maçãs do rosto. Os olhos tinham o mesmo tom de verde vivo. Uma fina linha de barba percorria o queixo na vertical, desde a base do lábio inferior até à ponta do queixo.

Vestia um fato escuro e uma camisa, do mesmo tom esmeralda, com o colarinho aberto. Trazia uma mala de couro preta pendurada ao ombro.

— Fazem um casal muito bonito — acrescentou Peabody. — Ela parece já ter ingerido algum álcool.

— Mas mais do que normais cocktails — corrigiu Eve, depois ordenou ao computador que aproximasse a imagem para ver melhor o rosto de Bryna. — Ela tem um brilho químico nos olhos. E ele? — Aproximou a imagem do rosto dele. — Ele está completamente sóbrio. Contacta a morgue. Quero prioridade ao exame toxicológico dela. Computador?

*A processar...*

— Sim, sim, vamos tentar desdobrar-nos um bocadinho. — Uma vez que tinha, finalmente, uma unidade nova, estava esperançosa. — Passar imagem do homem em exibição nos bancos de identificação. Quero o nome dele.

ABRINDO BANCOS DE IDENTIFICAÇÃO. ABRANGÊNCIA  
DO PEDIDO: LOCAL, ESTATAL, NACIONAL, GLOBAL?

Eve deu uma palmadinha na lateral do computador.

— Assim já gosto mais. Começar com a cidade de Nova Iorque. Continuar visualização do disco, vista normal.

A PROCESSAR...

O computador murmurou suavemente e a imagem no ecrã recomeçou a andar. No exterior do elevador, o homem levantou a mão de Bryna e pressionou a palma contra os lábios.

— Interromper visualização, começar visualização do elevador dois, vinte e três e quarenta.

A imagem desapareceu e apareceu a imagem do interior do elevador. Eve assistiu ao ritual de acasalamento enquanto o elevador subia até ao décimo segundo piso. O homem mordiscou os dedos dela e inclinou-se

para murmurar qualquer coisa ao seu ouvido. Foi Bryna quem avançou, puxando-o contra ela, pressionando o corpo agressivamente contra ele e os lábios sobre os dele.

Foi a mão dela que se movimentou entre ambos, a tocar e apalpar.

Quando as portas se abriram, saíram a rodopiar, ainda agarrados. Eve ordenou mais uma vez uma mudança de disco e observou o casal enquanto se encaminhava para a porta do apartamento dela. Bryna atrapalhou-se um pouco ao introduzir o código das fechaduras. Perdeu ligeiramente o equilíbrio e apoiou-se no corpo dele. Quando ela entrou em casa, ele ficou parado na soleira da porta.

*Um perfeito cavalheiro*, matutou Eve. Ele tinha um sorriso caloroso no rosto, uma interrogação nos olhos. *Vais convidar-me a entrar?*

Viu o braço de Bryna aparecer subitamente, a mão a agarrar o casaco do homem. Puxou-o para dentro e a porta fechou-se atrás deles.

— Era ela quem estava a tomar a iniciativa — disse Peabody, franzindo o sobrolho para a imagem do corredor vazio.

— Pois era, era ela quem estava a tomar a iniciativa.

— Não quero com isto dizer que merecesse morrer. Digo apenas que ele não estava a forçá-la a fazer nada. Mesmo quando ela ficou um pouco agressiva no elevador, ele não abusou. Naquela situação, muitos homens — caras, a maior parte dos homens — já tinha colocado a mão debaixo da saia dela.

— A maior parte dos homens não deitam pétalas de rosa por cima dos lençóis.

Eve avançou com a imagem do vídeo e mandou-a parar quando a porta do apartamento de Bryna se abriu.

— Registo do tempo em que o homem não identificado saiu do apartamento. Uma e trinta e seis. A mesma hora a que a chamada para o 112 foi feita. Louise disse que verificou se ela tinha pulso. Descontando alguns segundos para reagir ao choque, para correr para o corpo e depois verificar o pulso; mais alguns segundos para retirar o comunicador do bolso e fazer a chamada. Foi o tempo de que ele precisou para se afastar da varanda, atravessar o apartamento e sair pela porta. Computador, continuar visualização.

— Ele está trémulo — murmurou Peabody.

— Pois está, e está a suar. — *Mas não correu*, reparou Eve. Ele olhou para a direita, para a esquerda e novamente para a direita enquanto se apressava a percorrer o corredor até ao elevador. Mas não foi a correr.

Viu-o descer de elevador, com as costas comprimidas contra a parede, a mala de couro bem segura contra o peito. Mas ele estava a pensar, matutou Eve. A pensar com cuidado suficiente para ir de elevador até à cave

e não até ao átrio, para sair do edifício pela porta das entregas em vez de sair pelas portas da frente.

— Não havia sinais de luta no apartamento. E entre a hora da morte e a hora a que ela bateu no chão, ele não teve tempo de arrumar quaisquer indícios que pudessem existir. Mas ela já estava morta antes de cair da varanda — acrescentou Eve. — Tinha consumido substâncias ilegais, mas no apartamento dela não havia nada. Vamos dar a dica ao pessoal do laboratório, para eles verem o conteúdo da garrafa de vinho e dos copos. Depois vai para casa, dorme um pouco.

— Não vais ligar ao Feeney? Precisas da DDE para examinar o computador dela e descobrir os *e-mails* que ela e o suspeito trocaram, para localizar a conta.

— É verdade. — Eve levantou-se e, embora soubesse que era um erro, pediu mais uma caneca de café ao AutoChefe. — Coloca os assuntos pessoais de lado e faz o teu trabalho.

— Agradecia que desses a mesma ordem ao McNab. Chefe.

Eve virou-se para Peabody.

— Ele anda a importunar-te?

— Sim. Não exatamente. — Deixou sair uma profunda inspiração. — Não.

— Então, em que ficamos?

— Ele certifica-se apenas que eu saiba sempre das mulheres boazudas com quem anda a dormir e como só lhe falta dar cambalhotas no ar desde que o deixei. E nem sequer tem a decência de o fazer à minha frente. Limita-se a fazer com que as coisas me cheguem aos ouvidos.

— Parece que ele andou para a frente com a vida. E realmente, foste tu quem o deixou, Peabody. Além disso, andas com o Charles.

— Com o Charles não se passa nada disso — insistiu Peabody, falando do sensual acompanhante registado que se tornara seu amigo. E que nunca tinha sido seu amante. — Já te disse.

— Mas não disseste ao McNab. O assunto é vosso — disse Eve rapidamente, quando Peabody se preparava para falar. — E não quero ter nada a ver com isso. Se o McNab quiser fornicar cada uma das mulheres dos cinco distritos, e se isso não interferir com o trabalho dele, então não me diz respeito. E a ti também não. Faz os pedidos prioritários para a morgue e para o laboratório, depois vai para casa. Apresenta-te ao trabalho às oito em ponto.

Sozinha, Eve recostou-se na cadeira.

— Computador, estado da pesquisa de identificação.

BUSCA COMPLETA A OITENTA E OITO PONTO DOIS POR CENTO. SEM RESULTADOS.

— Expandir para busca de alcance estatal.

AFIRMATIVO. A PROCESSAR...

Eve ficou recostada com o café na mão e desejou encontrar um nome. Desejou poder fazer justiça por Bryna Bankhead.

Apesar da cafeína, Eve conseguiu ter um sono mais descansado no chão do gabinete do que na grande e vazia cama em casa. Quando acordou, alargou a busca de identificação até então infrutífera. Levando mais uma caneca de café para os vestiários, levou o rosto, penteou o cabelo com os dedos e enrolou as mangas da camisa de Roarke.

Passava pouco das oito quando entrou no gabinete do Capitão Feeney, na DDE. Ele estava de pé junto do AutoChefe e de costas para Eve. À semelhança dela, estava em mangas de camisa com o cinto da arma colocado em volta das costas. O cabelo seco e cor de gengibre tinha provavelmente visto um pente naquela manhã, mas estava tão penteado como o de Eve.

Ela entrou, cheirou o ar.

— Que cheiro é este?

Ele virou-se, com o longo rosto de basset hound toldado com surpresa. *Ah*, pensou Eve, *culpa*.

— Nada. O que foi?

Ela voltou a cheirar o ar.

— Donuts. Tu tens donuts aqui dentro.

— Chiu, cala-te, cala-te. — Feeney encaminhou-se na sua direção e fechou a porta. — Queres chamar a esquadra inteira para aqui? — Sabendo que uma porta fechada não seria suficiente, Feeney trancou-a. — O que queres?

— Quero um donut.

— Escuta, Dallas, a minha mulher entrou numa onda de coisas saudáveis. Ultimamente não consigo comer nada de jeito em casa com tanto tofu e vegetais hidratados. Um homem precisa de um pouco de gordura e açúcar de vez em quando, senão o organismo começa a sofrer.

— Eu estou do teu lado, assim como toda a gente. Dá-me um donut.

— Oh, maldição.

Feeney encaminhou-se para o AutoChefe e abriu-o. Lá dentro, tinha meia dúzia de donuts, perfumados e aquecidos.

— Caraças. Donuts *frescos*.

— Há uma padaria ali no fundo do quarteirão que todas as manhãs faz umas dúzias de donuts de verdade. Sabes quanto cobram por cada sacana destes?

Rápida como um chicote, Eve estendeu o braço, agarrou no donut e mordeu-o.

— Vale cada centimo — disse, por entre uma dentada de manteiga e creme.

— Mas não faças barulho. Se começas a fazer sons deliciados, não tarda nada estão a bater-me à porta. — Feeney pegou num donut e deu uma deliciosa dentada. — Ninguém quer viver eternamente, não é? Eu bem digo à minha mulher, então, sou polícia e os polícias encaram a morte todos os dias.

— E estás muito certo. Também tens com geleia?

Antes que ela conseguisse estender o braço, Feeney fechou o AutoChefe. *Inteligente*.

— Por isso, sendo polícia, encarando a morte, e tudo o resto, quem se rala com um pouco de gordura nas veias, não é?

— E ainda por cima gordura da boa. — Eve lambeu o açúcar dos dedos. Podia tê-lo chantageado por um segundo donut, mas achou que ia acabar por ficar enjoada. — Ontem à noite tive uma esborrachada no passeio.

— Suicídio?

— Não. Já estava morta quando caiu da varanda. Estou à espera do relatório do ML e do laboratório, mas parece-me um homicídio sexual. Ela tinha um encontro marcado com um tipo que conheceu *online*, eram amantes virtuais. Consegui uma imagem dele a entrar e sair do edifício, mas a busca de identidade não encontrou ninguém que se lhe assemelhasse. Preciso que o localizes através do computador.

— Tens a unidade contigo?

— Tenho. Está nas Provas. A vítima chama-se Bankhead, Bryna. Ficheiro número H-78926B.

— Vou pôr alguém a tratar disso.

— Agradeço. — Depois hesitou junto à porta. — Feeney, se chamares o McNab para o caso, talvez lhe possas pedir que, sei lá, se acalme um pouco com a Peabody.

O brilho que o donut trouxera ao rosto de Feeney desvaneceu-se e deu lugar a um constrangimento doloroso.

— Ahh, Cristo, Dallas.

— Já sei, já sei. Mas se eu tenho de lidar com ela, tu tens de lidar com ele.



— Podíamos fechá-los aos dois numa sala e deixar que resolvessem a coisa sozinhos.

— Vamos considerar a hipótese. Quando souberes de alguma coisa sobre a unidade da vítima, avisa-me.

A busca não estava a dar frutos. Sem grandes esperanças, Eve alargou-a para busca global. Escreveu e registou o relatório preliminar para o comandante, depois enviou-o através do sistema interno. Depois de mandar Peabody insistir com o laboratório e a morgue, foi para o tribunal, dar o seu testemunho num caso que estava em julgamento.

Duas horas e meia depois, saiu de rompante do tribunal, a maldizer todos os advogados. Pegou no comunicador e ligou a Peabody.

— Atualização?

— Os resultados dos testes ainda não saíram, chefe.

— Porra!

— Um dia difícil no tribunal, Dallas?

— Os advogados de defesa parecem achar que a Polícia de Nova Iorque andou a salpicar sangue da vítima por todo o quarto de hotel do seu inocente cliente, por cima das roupas e da própria pessoa, só para caluniar os turistas psicopatas que esfaqueiam as respetivas mulheres uma dúzia de vezes durante uma briga.

— Bem, as coisas na Câmara do Comércio são difíceis.

— Ah-ah.

— Identificámos a mulher com quem Bankhead falou naquela noite antes de sair. Chama-se CeeCee Plunkett. Trabalhava com a vítima na secção de roupa interior da Saks.

— Arranja transporte. Vai lá ter comigo.

— Sim, chefe, e posso sugerir o adorável café do sexto piso para um almoço? Estás a precisar de proteínas.

— Já comi um donut. — Com um sorriso malicioso, Eve interrompeu a comunicação, perante o arquejo chocado e invejoso de Peabody.

Ser apanhada no meio do trânsito infernal da hora de almoço não fez grande coisa para melhorar a sua disposição. Os carros batiam e o trânsito ficava parado durante tanto tempo que ainda ponderou a possibilidade de deixar ali o carro e atravessar a cidade a pé.

Até ter olhado para os passeios cheios de gente.

Até o céu estava apinhado — anúncios e autocarros aéreos assim como carruagens de turistas rivalizavam por algum espaço no ar. O barulho era ridículo, mas por algum motivo a quantidade impressionante de som tornava tudo um pouco mais suave. Tanto que quando ficou presa no

semáforo da esquina entre a Madison e a Trinta e nove, Eve colocou a cabeça de fora do carro e pediu ao operador do carro ambulante:

— Dê-me um tubo de Pepsi.

— Pequeno, médio ou grande, minha bela senhora?

Ergueu as sobrancelhas, fazendo-as desaparecer por baixo da franja. Aquele simpático operador era um droide ou novo por aquelas bandas.

— Pode ser grande — disse, levando a mão ao bolso para procurar moedas.

Quando ele se inclinou para lhe dar o tubo, Eve reparou que não era droide nem novo. Identificou-o como tendo uns bons noventa anos e os seus dentes mostravam que se preocupava bastante mais com a higiene dentária do que a maior parte dos operadores de carros ambulantes.

— Está um lindo dia, não está?

Eve olhou para o trânsito, para as aglomerações de veículos que praticamente bloqueavam o céu naquele setor da cidade.

— Está a brincar comigo.

Ele limitou-se a sorrir novamente.

— Cada dia em que estamos vivos, é um lindo dia, menina.

Eve pensou em Bryna Bankhead.

— Acho que tem razão.

Abriu o tubo e bebeu-o pensativamente enquanto avançava centímetro a centímetro pela Madison. Ao chegar à rua Cinquenta e um, parou o carro, estacionou em fila dupla e ligou o sinal EM SERVIÇO.

Fazendo das tripas coração, entrou a passos largos na Saks e na miríade de produtos cosméticos.

Droides modernos e elegantes desfilavam junto às portas num padrão concebido para confundir o olhar e tornar impossível uma passagem discreta. A servir de apoio, havia consultores humanos que trabalhavam em cabinas, balcões ou patrulhavam os expositores, na opinião de Eve, à procura de clientes que se queriam escapar deles. O ar estava impregnado com aromas.

Uma droide feminina com um cabelo magenta em forma de estrela deslizou pelo solo para bloquear o progresso de Eve.

— Boa-tarde e seja bem-vinda à Saks. Hoje, a nossa fragrância principal...

— Se me cai uma gota disso em cima, uma única gota, enfió-lhe o frasco inteiro pela goela abaixo — avisou, enquanto a droide se preparava para a borrfifar.

— Na verdade, *madame*, basta uma gota de *Orgasma* para enfeitiçar o amante dos seus sonhos.

Eve afastou o casaco para o lado, tocou com os dedos na arma e disse:

— Também basta uma bala para a colocar no centro de reciclagem, Ruiva. Agora, saia-me da frente.

A droide recuou, com uma velocidade satisfatória. Eve ouviu a chamada para a segurança enquanto passava pela parede de clientes e consultores. Quando um par de droides de uniforme se dirigia a ela, tirou o distintivo.

— Polícia de Nova Iorque. Estou aqui para tratar de assuntos oficiais. Mantenham esses malditos lançadores de perfume longe de mim.

— Com certeza, Tenente. Podemos ajudá-la em alguma coisa?

— Podem. — Voltou a guardar o distintivo no bolso. — Onde fica o departamento de roupa interior?

Enquanto entrava no piso da roupa interior, Eve pensou que pelo menos ali não a interpelavam com peças de roupa na mão. Ainda assim, vender sexo parecia estar na ordem do dia, já que vários droides-modelo andavam pelo departamento com roupa interior e peças de noite. Pelo menos os funcionários humanos usavam roupa real.

Viu imediatamente CeeCee Plunkett e esperou até a rapariga acabar de ensacar uma venda.

— Menina Plunkett?

— Sim, posso ajudá-la?

Eve voltou a tirar o distintivo.

— Há algum local onde possamos falar em particular?

CeeCee tinha as faces rosadas, mas ficaram rapidamente pálidas. Os bonitos olhos azuis arregalaram-se.

— Oh, meu Deus. Oh, meu Deus, é a Bry. Aconteceu alguma coisa à Bryna. Ela não veio trabalhar, não responde às chamadas. Fizeram-lhe mal.

— Podemos conversar noutro lugar?

— Eu... sim. — Pressionando uma mão contra a têmpora, CeeCee olhou em redor. — A zona dos provadores; não devia deixar o meu lugar. Eu...

— Ei! — Eve chamou uma droide vestida com um sutiã e cuecas pretos transparentes. — Tome conta do balcão. Para onde vamos? — perguntou a CeeCee, contornando o balcão para lhe pegar no braço.

— Aqui para trás. Ela está no hospital? Qual deles? Tenho de a ir ver.

Uma vez dentro de um dos pequenos cubículos de provas, Eve fechou a porta. Havia um minúsculo banco almofadado num dos cantos; guiou CeeCee até ele.

— Sente-se.

— A situação é má — disse, agarrando o braço de Eve. — É muito má.

— Sim, lamento. — Jamais haveria uma maneira fácil de fazer aquilo. Só havia a maneira rápida: uma facada imediata no coração, em vez de o

cortar centímetro a centímetro. — Bryna Bankhead foi morta durante esta madrugada.

CeeCee abanou a cabeça e continuou a abaná-la lentamente enquanto a primeira lágrima lhe escorria pelo rosto abaixo

— Ela teve um acidente?

— Ainda estamos a tentar determinar o que aconteceu.

— Eu falei com ela. Falei com ela ontem, na noite de ontem. Ela ia sair num encontro. Por favor, diga-me o que aconteceu à Bry.

Os meios de comunicação social já tinham dado a notícia da morte e das suas circunstâncias, pelo menos tanto quanto sabiam. Se ainda não tinham descoberto o nome da vítima, não iam demorar muito tempo a fazê-lo, pensou Eve.

— Ela... caiu da varanda.

— Caiu? — CeeCee começou a levantar-se, mas acabou por se enterrar ainda mais no banco. — Mas isso não pode ser. É que não pode ser mesmo. Ela tinha uma parede de segurança.

— Estamos a investigar, Menina Plunkett. Iria ajudar-me muito se me respondesse a algumas perguntas. Oficialmente?

— Ela não devia ter caído. — Agora, a sua voz era trespassada pela fúria e insulto, que passavam no meio do choque. — Ela não era estúpida nem descuidada. Jamais teria caído da varanda.

Eve tirou o gravador.

— Eu vou descobrir o que se passou. O meu nome é Dallas, Tenente Eve Dallas — disse para CeeCee e para a gravação. — Sou investigadora principal no caso da morte de Bryna Bankhead. Estou a interrogá-la presentemente, CeeCee Plunkett, na qualidade de amiga da falecida. Na noite passada, teve uma conversa com ela através do comunicador, alguns minutos antes das nove, mesmo antes de Bryna sair do seu apartamento.

— Sim. Sim. Ela ligou-me. Estava muito nervosa e entusiasmada. — A voz de CeeCee ficou mais rouca. — Oh, Bry.

— Por que motivo estava nervosa e entusiasmada?

— Porque tinha um encontro. O primeiro encontro com o Dante.

— Qual é o nome completo dele?

— Não sei. — Procurou no bolso do casaco por um lenço de papel, mas depois rasgou-o em mil pedaços em vez de limpar o rosto. — Eles conheceram-se *online*. E não sabiam o sobrenome um do outro, faz parte das regras. Por motivos de segurança.

— Há quanto tempo estava em contacto com ele?

— Talvez há três semanas.

— Como se conheceram?

— Num *chat* sobre poesia. Havia uma grande discussão sobre a poe-

sia ao longo dos séculos e... oh, Deus. — Inclinou-se para a frente e enterrou o rosto nas mãos. — Ela era a minha melhor amiga. Como lhe pode ter acontecido uma coisa destas?

— Era a sua confidente?

— Contávamos tudo uma à outra. Sabe como são as coisas entre amigas.

*Mais ou menos*, pensou Eve.

— Tanto quanto sabia, este era o primeiro encontro com o Dante?

— Sim, por isso estava tão entusiasmada. Comprou um vestido novo, sapatos novos. E aqueles brincos maravilhosos...

— E era normal da parte dela levar um primeiro encontro para casa, para fazerem sexo?

— De maneira nenhuma. — CeeCee deu uma gargalhada triste. — A Bry tinha demasiadas regras antiquadas acerca do sexo, das relações e das fases por que se passava. Um tipo tinha de passar pelo que ela chamava de Teste de Trinta Dias antes de ir para a cama com ele. Eu costumava dizer-lhe que nada se mantém fresco durante um mês, mas ela... — A voz de CeeCee desvaneceu-se. — O que me está a dizer?

— Estou apenas a tentar compor uma imagem. Ela consumia substâncias ilegais?

Embora as lágrimas ainda brilhassem nos olhos de CeeCee, estes assumiram uma expressão dura.

— Não estou a gostar das suas perguntas, Tenente.

— Mas tenho de as fazer. Olhe para mim. Olhe para mim — repetiu Eve. — Não quero magoar a memória dela, nem a quero magoar a si. Mas preciso de saber quem ela era, para lhe poder fazer justiça.

— Não, ela não consumia substâncias ilegais — respondeu CeeCee bruscamente. — Cuidava muito bem do corpo, tanto por dentro como por fora. Ela era assim. Era inteligente, divertida e decente. E *não* iria enlouquecer ao tomar substâncias ilegais e cair da maldita varanda. Também não saltou dela, por isso nem sonhe em fazer passar o que aconteceu por um suicídio. Se caiu da varanda, foi porque alguém a empurrou. Foi porque...

Enquanto se consciencializava das suas próprias palavras, CeeCee ficou ainda mais furiosa.

— Alguém a matou. Alguém matou a Bry. Esse... esse tal de Dante. Ele seguiu-a até casa depois do encontro. Arranjou maneira de entrar no apartamento dela e matou-a. Ele matou-a — repetiu, enterrando os dedos no pulso de Eve. — Tem de o encontrar.

— Eu vou encontrá-lo — prometeu Eve. — CeeCee, ainda não conheço todos os factos, mas vou encontrá-lo. Conte-me tudo o que sabe so-

bre este homem que ela conhecia como Dante. Tudo o que se lembrar que a Bryna lhe tenha contado.

— Não consigo aguentar isto. Desculpe, mas não consigo. — Levantou-se lentamente e dirigiu-se para o jarro de água fresca que estava em cima do aparador do provador. Quando o jarro estremeceu e a água se agitou, Eve foi ter com ela e serviu-lhe um copo de água.

— Obrigada.

— Descanse um minuto. Sente-se, beba a água e descanse um minuto.

— Eu estou bem. Vou ficar bem. — Mas tinha de segurar o copo com as duas mãos para conseguir beber. — Ele era supostamente dono da própria empresa. Era um homem rico. Bryna disse que ele não se gabava disso, mas que percebia por pequenas coisas que ele dizia. Lugares onde já tinha estado, como Paris, Moscovo, o Resort Olympus, Birmini, sei lá.

— Que tipo de empresa tinha ele?

— Eles não falaram desse tipo de pormenores. Da mesma forma que ele não devia saber que ela trabalhava aqui. Embora soubesse.

O olhar de Eve aguçou-se.

— Como sabe disso?

— Porque na semana passada ele enviou-lhe rosas cor-de-rosa para aqui.

*Rosas cor-de-rosa, pensou Eve. Como as pétalas cor-de-rosa.*

— Que mais?

— Ele falava italiano, francês e hmm... espanhol. Línguas românticas — acrescentou, misturando lágrimas e máscara de pestanas com as costas das mãos. — A Bry estava muito envolvida no romance de tudo isto. Disse que ele tinha a alma mais romântica do mundo. E eu disse, ah, muito bem, e quanto ao rosto dele? Ela deu uma gargalhada e respondeu-me que quando os corações falavam um com o outro, o aspeto físico não importava. Mas que não ia ficar triste se ele fosse tão bonito como parecia.

Mais calma, virou o copo nas mãos.

— Tenente... Ele violou-a?

— Não sei. — Eve tirou uma imagem que imprimira do disco da segurança. — Conhece este homem?

CeeCee observou o rosto de Dante.

— Não — disse, penosamente. — Nunca o vi antes. Mas é ele, não é? Bem, bem. Parece que afinal era tão bonito como parecia. Filho da mãe. O grande filho da mãe. — Começou a rasgar a fotografia e Eve não fez nada para a impedir.

— Onde iam encontrar-se para tomar uma bebida ontem à noite?

— No maldito Rainbow Room. Bry escolheu o local porque achava que era romântico.

Quando saiu do provador, Eve viu Peabody a olhar, com bastante anseio, para um expositor de fatos justos de renda.

— Isso não seria confortável durante mais de cinco minutos — disse Eve.

— Se cumprir o seu propósito, não ias tê-lo vestido durante mais de cinco minutos. O droide disse que estavas aqui atrás com a Plunkett.

— Sim. O tipo dá pelo nome de Dante, gosta de poesia e de botões de rosa cor-de-rosa. Vou pôr-te ao corrente.

— Para onde vamos?

— Para a morgue, a caminho do Rainbow Room.

— Isso soa tão... esquisito.

E era, se se comparasse o aspeto de alumínio e mármore de um com o interior branco, sombrio e cúbico do outro. Mas o melhor que Eve conseguiu arrancar da conhecida casa de lazer foram os nomes e moradas dos funcionários que tinham estado de serviço na noite anterior.

Teve mais sorte na casa dos mortos.

— Ah, a minha polícia favorita veio dar-me um raspanete. — Morris, o médico-legista chefe, desligou o bisturi de laser e sorriu amplamente. Usava o cabelo negro e comprido em meia dúzia de tranças, agora coberto com uma touca cirúrgica transparente. Uma camisa elegante cor de ameixa e as calças estavam protegidas dos salpicos por uma bata de laboratório também transparente.

— Não é o meu caso que estás a cortar, Morris.

— Não, mas é uma pena. — Olhou de relance para o corpo de um jovem homem negro. — Este infeliz rapaz parece ter ido, numerosas vezes, contra um instrumento de lâmina longa e afiada. Uma pessoa pensaria que ele parava depois do primeiro golpe, mas não. Continuou a atirar-se para cima da faca até ter caído de joelhos, morto.

— Era porque aprendia devagar. — Eve comprimiu os lábios enquanto observava a ereção impressionante do cadáver. — A avaliar pela excitação que ostenta, diria que ele consumiu Exótica e um pouco de Zeus. Essa combinação consegue fazer com que a ferramenta de um homem fique assim hasteada muito depois de o resto do corpo estar caído.

— Sinto-me inclinado a concordar contigo, principalmente porque o teu colega Detetive Baxter reportou que o nosso recém-falecido estava a empregar entusiasticamente a ferramenta na mulher do irmão.

— Ai sim, e presumo que tenha parado de fornicar e passado a dançar contra a faca só para mudar um pouco de ritmo, não?

— Sim, de acordo com o irmão e a mulher dele, que apesar de ter dado uma queda aparatosa que lhe partiu o queixo ainda se conta entre os vivos.

— Há gente para tudo. Se o Baxter tem o irmão sob custódia e já tens a causa de morte, por que motivo não estás a trabalhar no meu caso?

— Anda comigo. — Morris curvou um dedo e atravessou um par de portas oscilantes que davam para outra sala de autópsias. O único ocupante era o que restava do corpo de Bryna Bankhead. Estava disposta numa mar-quesa de aço com um lençol fino verde a cobri-la até ao pescoço.

Devia ter sido obra de Morris, pensou Eve. Ele conseguia ser muito respeitador para com os mortos.

— Imagino que tenha sido uma jovem bastante atraente.

Eve fitou o rosto arruinado. Pensou no espelho da casa de banho, na gaveta de melhoradores primorosamente organizada.

— Sim, diz-me como morreu ela, Morris.

— Acho que sabes. A tua medição da hora do óbito foi precisa. Foi-lhe poupado o medo da queda, o insulto do passeio, até o conhecimento de que estava a morrer. — Tocou muito levemente no cabelo dela, com os dedos selados. — Ela ingeriu, durante um período aproximado de duas horas e meia a três horas, mais de sessenta gramas de um sintético chamado homonibital-six, uma substância de controlo bastante cara e difícil de se obter.

— O nome de rua é Rameira. É um bloqueador de inibições — murmurou Eve. — Outrora bastante comum como droga de violação.

— Não tão comum assim — corrigiu Morris. — Os seus derivados são mais comuns e muito menos potentes e eficientes. O que Bryna tinha no corpo era puro. Sessenta gramas, Dallas, com um valor de rua de mais de um quarto de milhão. Isto se o conseguisses encontrar nas ruas, coisa que não é possível. Há mais de quinze anos que não encontro qualquer indício desta substância num corpo.

— Ouvi falar disso quando estava na academia. Mas achei que eram mitos urbanos merdosos.

— E eram mesmo mitos urbanos merdosos.

— Foi isso que a matou? Teve uma overdose?

— Não só. A combinação com álcool foi perigosa, mas não fatal. Só que o nosso herói excedeu-se. Metade da quantidade que lhe deu teria sido o suficiente para garantir a total colaboração da parte dela. O que tinha no corpo daria para a manter sob o efeito durante oito ou dez horas. E ia acordar com a maior ressaca de todos os tempos. Dores de cabeça, vômitos, tremores, perdas de consciência, perda de noção temporal. Demoraria setenta e duas horas para sair do seu organismo.

Só de pensar naquilo, Eve ficava enojada.

— Mas ele também a poupou a isso. Como?

— Deu-lhe demasiado. Deixou-a letárgica. Presumo que quisesse



uma queca mais ativa porque no último copo de vinho deu-lhe um pequeno cocktail de aneminiphine-colax-B. Conhecido como Coelho Selvagem.

— Ele não se esqueceu de nada, pois não? — perguntou Eve calmamente.

— Este complexo bombardeia os sistemas nervoso e respiratório, mas os dela já estavam comprometidos. A combinação sobrecarregou o coração dela. Chegou ao ponto máximo cerca de vinte minutos após a ingestão. Ela estava demasiado dopada pelas doses anteriores de Rameira para se aperceber do que lhe estava a acontecer.

— Era possível que nessa altura o tivesse tomado de livre vontade?

Gentilmente, Morris levantou o lençol para cima do rosto de Bryna.

— Depois dos primeiros gramas do bloqueador de inibições, nada do que esta rapariga fez foi de livre vontade.

— Ele drogou-a, violou-a e a combinação das duas substâncias matou-a — disse Eve. — Depois atirou-a pela janela como se fosse uma boneca velha, numa tentativa de encobrir o que tinha acontecido.

— Na minha estimada e reconhecida opinião médica, foi isso que aconteceu.

— Agora, faz-me ganhar o dia, Morris e diz-me que ele deixou esperma dentro dela. Diz-me que arranjaste o ADN dele.

O rosto de Morris iluminou-se como o rosto de uma criança.

— Ah, sim, se arranjei. Detém este tipo, Dallas, que te ajudo a fechar a cela para onde ele vai.

— Grande sacana, deviam arrancar-lhe os tomates com uma colher ferugenta.

Eve recostou-se no carro.

— Tu não te acanhas, Peabody. Diz-me como te sentes de verdade.

— Chiça, Dallas, aquilo ali dentro afetou-me mesmo; olhar para ela assim, lembrar-me de como era bonita, como estava entusiasmada a ligar à amiga quando se ia encontrar com este cabrão. A pensar que se ia encontrar com alguém romântico, caramba, simpático. Alguém decente, e durante o tempo todo o tipo esteve a planear...

— Fodê-la até a matar? Não sei se o plano inicial dele era esse, mas foi o que acabou por acontecer. Pode ser que o apanhemos por Homicídio Qualificado, já que usou as substâncias ilegais como arma do crime. Mas o mais provável é que fique como Involuntário. E não dês cabo do córtex, Peabody, se o apanharmos por isso, acrescentamos o abuso sexual e a tentativa de se desfazer das provas e o gajo nunca mais volta a ver a luz do dia.

— Mas não chega. — Peabody contorceu-se no lugar, deixando as duas aterradas porque tinha lágrimas nos olhos. — Às vezes parece que não é simplesmente suficiente.

Eve olhou pelo vidro da frente para dar tempo para que Peabody se recompusesse. Um grupo de miúdos acabado de sair da escola passava pela passadeira nos seus skates aéreos, gerando o caos por entre as pessoas que passavam a pé.

Havia qualquer coisa dolorosamente inocente neles, dolorosamente vivo nas suas movimentações e cores, a meio quarteirão de uma casa de mortos.

— É suficiente — disse Eve — porque é o que podemos fazer. O nosso trabalho é ficar do lado da Bryna Bankhead e apanhar o homem que a matou. Depois disso... — Lembrou-se da sessão do tribunal, da interpretação retorcida que o advogado de defesa fazia da lei. — Depois disso, temos de confiar no sistema para lhe fazer justiça e esquecer o assunto. Se não os esqueceres, eles começam a amontoar-se. Os mortos amontoam-se na nossa cabeça — acrescentou quando Peabody olhou fixamente para ela — até não conseguires ver para lá deles, até não seres capaz de fazer o teu trabalho.

— Tu esqueces os mortos? Consegues esquecerê-los?

Era uma pergunta que Eve tentava não fazer a si própria — mas que fazia com demasiada frequência.

— Muitos dos polícias de homicídios têm um número limitado de anos no trabalho. São tantos os mortos. A certa altura, começam a roer-lhes a cabeça até estarem completamente comidos. Eu não sei fazer mais nada além disto, por isso não vou deixar que me comam. — Expirou profundamente. — Mas num mundo perfeito, também teríamos a opção da colher enferrujada.

— Quando comecei a trabalhar contigo, achava que os Homicídios eram a coisa mais importante que podia fazer. Já se passou um ano. Continuo a achar o mesmo.

— Muito bem. — Eve abriu caminho por entre o trânsito como se fosse um carneiro a investir. — Preciso de fazer uma paragem na Clínica de Canal Street. Vamos ver se os meninos da DDE fizeram algum progresso.

Usou o comunicador do carro para contactar o gabinete de Feeney e sentiu Peabody a retesar-se quando o rosto bonito de McNab apareceu no ecrã.

— Olá, Tenente. — Eve viu-o olhar para o lado e os seus lábios a esticarem-se num sorriso tão rígido como os ombros de Peabody. — Peabody.

— Preciso de falar com o teu capitão — disse Eve.

— Ele acabou de sair.

— Diz-lhe que me contacte assim que regressar.

— Espera, espera, espera. — O rosto de McNab encheu o ecrã enquanto se aproximava da câmara. — Não termines até ouvir o que tenho para te dizer. O capitão atribuiu-me o teu caso de busca eletrónica.

Eve enfiou o veículo por uma abertura estreita, mudou de faixa e ganhou meio quarteirão.

— É um trabalho eletrónico muito básico para um figurão como tu, não é?

— Bem, até é, mas foi um trabalho enviado para mim quando o técnico se deparou com alguns obstáculos. O teu Casanova virtual tinha colocado alguns bloqueios e paredes. Eu escalei-os, claro, sendo o figurão que sou, e arranjei-te uma morada.

— Vais parar de te gabares durante tempo suficiente para me dares a morada?

— Até dava, Tenente, mas ias perder o teu tempo. A morada é nas Montanhas dos Cárpatos.

— Onde diabo fica isso?

— É uma cordilheira montanhosa na Europa de Leste. Sei disto, porque fui procurar — disse McNab, com um movimento brincalhão do rabo-de-cavalo louro. — E antes que me perguntes que raio anda o nosso

criminoso a fazer numa montanha da Europa de Leste, digo-te que não anda lá a fazer nada. É um endereço fictício. Tão falso como as mamas da minha prima Sheila.

— Não me parece que tenhas escalado grandes paredes, McNab.

— Dallas, eu escalei a porra de uma montanha para chegar aqui. Obtive um ressalto da morada falsa e estou agora a seguir o eco. Devo ter o resultado dentro de uma hora.

— Então não fales comigo até teres o resultado definitivo. E McNab? Qualquer tipo que saiba o que quer que seja sobre as mamas da prima é um perverso.

Interrompeu a transmissão enquanto ele dava uma gargalhada.

— Ele pode ser irritante — disse Eve para Peabody — mas é bom no que faz. Vai resolver isto num instante. E se está a demorar este tempo todo, isso diz-me que o nosso suspeito é um pirata informático acima da média. Protegeu-se bem antes de entrar nisto, o que em tribunal vai ser, para recorrer a uma imagem já bastante usada, mais um prego para o seu caixão.

Depois olhou de relance para Peabody.

— Não amues.

— Não estou a amuar.

Sibilando, Eve baixou o espelho do lado do passageiro.

— Olha para a tua cara. Queres que ele perceba que ficas afetada quando tens de lidar com ele? Mostra um pouco de orgulho, Peabody.

Ao observar-se, Peabody viu que o amuo passava para um beicinho enquanto Eve falava. Voltou a puxar o espelho para cima.

— Estava apenas a pensar, mais nada.

Eve virou para Canal, passando pelo bairro que era uma espécie de bazar onde a oferta era variada e barata e onde o mercado negro constituía a maior parte do negócio. Os turistas eram rotineiramente enganados, depois faziam queixa de lojas que mudavam de instalações com maior frequência e eficiência que um circo itinerante.

Mas por outro lado, pensava Eve, se uma pessoa era estúpida o suficiente para achar que podia comprar um *Rolex* pelo mesmo preço de uma piza familiar, então até merecia ser enganada.

Alguns quarteirões mais à frente, a feira dava lugar a um desterro onde paravam os desalojados e os que não tinham lojas fixas. Os que dormiam nos passeios erguiam as suas caixas e tendas em piedosas comunidades de desespero. Os que tinham licença de pedintes, e os muitos que não tinham, vagueavam pela cidade à procura de amealhar créditos suficientes para comprarem uma garrafa de álcool caseiro que os ajudasse a ultrapassar mais uma noite.

Os que não resistissem à noite seriam transportados para a morgue pela unidade da Polícia de Nova Iorque que era conhecida, não muito afetuosamente, por Vazadores de Passeios.

Não importava quantos fossem carregados para a morgue, para serem cremados às custas da cidade, havia sempre mais para tomarem os seus lugares.

Era um ciclo que ninguém, principalmente os líderes da cidade, parecia conseguir quebrar. E era ali, no meio da sujidade e desespero, que Louise Dimatto geria a sua Clínica de Canal Street. *Ela também não quebrou o ciclo*, pensou Eve, *mas fez com que as voltas fossem um pouco menos dolorosas para alguns deles*.

Numa zona onde os sapatos que se levava nos pés eram considerados uma presa fácil, era bastante arriscado estacionar um carro, a não ser que a seguir o rodeassem por droides de armadura completa e lançadores de *rockets*. Os carros-patrolha eram pilotados exatamente por este tipo de criaturas.

A boa notícia era que havia muitos lugares para estacionar.

Eve parou no passeio atrás do que a certa altura devia ter sido um *sedan*. Mas uma vez que a única coisa que restava era uma parte do chassis e o vidro para-brisas partido, não podia ter a certeza.

Saiu do carro e, em cima do vapor quente e sufocante que fluía de uma conduta de ventilação do metro, acionou todas as fechaduras e ativou todos os alarmes. Depois ficou no passeio, observando a rua em todas as direções. Havia alguns vadios aninhados em soleiras das portas e uma miserável AR de rua, escanzelada, a tentar angariar clientes.

— O meu nome é Tenente Dallas, da Polícia de Nova Iorque. — Eve não gritou, mas levantou a voz o suficiente para que os rostos se virassem na sua direção. — Este monte de sucata é o meu veículo de serviço. Se, quando eu voltar, o dito monte de sucata não estiver neste mesmíssimo local, nas mesmíssimas condições, trago um esquadrão de arrombadores de portas para este sítio para pôr a mexer cada alma que estiver num raio de cinco quarteirões, assim como cães detetores de substância ilegais que vão encontrar e confiscar todas as guloseimas que vocês têm escondidas por aí. Garanto-vos que será uma experiência bastante desagradável.

— Cabra de polícia!

Identificando a direção de onde o comentário tinha vindo, Eve levantou o olhar para a janela de um terceiro andar do prédio do outro lado da rua.

— Agente Peabody, não se importa de verificar a opinião daquele cara de cu?

— Sim, chefe. Tenente, aquele cara de cu está correto. A tenente é a polícia mais cabra que existe.

— E o que vai acontecer se alguém encostar um dedo ao meu veículo?

— A tenente vai fazer da vida deles um verdadeiro inferno. Vai fazer da vida dos amigos deles um verdadeiro inferno, assim como vai fazer da vida dos familiares deles um verdadeiro inferno. E, chefe, também vai fazer da vida de pessoas que eles nem conhecem um verdadeiro inferno.

— É isso — disse Eve, com um sorriso frio de satisfação. — É isso mesmo que vou fazer. — Depois virou-se e dirigiu-se para a porta da clínica.

— E vai gostar de o fazer.

— Pronto, Peabody, eles já perceberam. — Abriu a porta e entrou.

Por instantes pensou ter entrado na porta errada. Lembrava-se, das visitas que ali fizera no inverno anterior, da sala de espera apinhada de gente, das paredes encardidas, da mobília estragada e desadequada. Ao invés, tinha à sua frente um espaço amplo separado apenas por um muro baixo onde lustrosas plantas verdes prosperavam em simples vasos de barro. Cadeiras e sofás estavam dispostos em ambos os lados e embora quase todos os lugares estivessem ocupados, havia uma certa sensação de ordem.

As paredes eram de um tom verde pálido, bonito, decoradas com desenhos emoldurados, obviamente feitos por crianças.

Ouvia-se a rouquidão seca, a respiração ofegante e os suaves gemidos dos doentes e magoados. Mas não havia, como houvera no último inverno, uma sensação latente de fúria e impotência.

Enquanto observava a sala, uma mulher com um macacão da mesma cor das paredes saiu de uma porta.

— Senhora Lasio, a doutora vai vê-la agora.

Com a rotação de pacientes, Eve atravessou a sala e dirigiu-se à janela da receção. Através dela conseguiu ver equipamento atualizado e o mesmo ambiente de eficiência ordenada que existia nas zonas de espera.

Ali, um jovem estava no seu posto com um rosto tão alegre e inofensivo como uma margarida. Não podia ter mais de vinte anos, pensou Eve quando ele lhe dirigiu um sorriso amplo.

— Boa-tarde. Em que posso ajudá-la hoje?

— Preciso de ver a Dra. Dimatto.

— Sim, senhora. Receio que a Dra. Dimatto esteja com as marcações completas para esta tarde. Trata-se de uma emergência médica. . .

— É um assunto pessoal — disse Eve, pousando o distintivo em cima do balcão. — Assuntos oficiais. Se estiver ocupada, peça-lhe que me contacte quando estiver livre. Tenente Dallas, na Central de Polícia.

— Oh, Tenente Dallas. A Dra. Dimatto disse que era capaz de passar por aqui. Neste momento ela está com uma paciente, mas não se importa de esperar uns minutos? Pode esperar no consultório dela e eu digo-lhe que está aqui.

— Muito bem.

Ele levou-a através da porta. Eve viu o que presumiu serem salas de observação de ambos os lados do corredor, corredor esse que se abria para uma passagem larga com bancadas cheias de equipamento de laboratório. Ouviu uma criança a rir algures por perto.

— Vocês expandiram-se.

— Sim. A Dra. Dimatto conseguiu comprar o edifício que ficava ao lado da clínica original. — Ainda com um sorriso rasgado, ele levou-as através da passagem, para outro corredor. — Ela expandiu e modernizou a clínica, assim como os seus serviços e acrescentou uma ala pediátrica. Agora temos seis médicos, dois a tempo inteiro e quatro por turnos, e também um laboratório totalmente equipado.

O rapaz abriu uma porta.

— A Dra. Dimatto é o anjo de Canal Street. Por favor, sirvam-se do AutoChefe. Ela estará consigo assim que lhe for possível.

Eve reparou que o consultório de Louise não tinha mudado muito. Continuava a ser pequeno, apertado, apinhado de coisas. Fazia Eve lembrar-se bastante do seu próprio gabinete na Central.

— Chiça, ela fez mesmo uma obra e tanto aqui — comentou Peabody. — Deve-lhe ter custado um bom par de milhões.

— É capaz.

E uma vez que Eve só tinha doado — pronto, subornado Louise com — meio milhão para a clínica, presumia que o anjo de Canal Street tivesse angariado uma quantia impressionante de dinheiro em muito pouco tempo.

— Este local está mais bem equipado, e aposto que é mais bem gerido, do que o meu Centro de Saúde. — Peabody comprimiu os lábios. — Sou até capaz de mudar.

— Pois, está bem. — Para Eve, os Centros de Saúde eram todos iguais. Eram todos pequenos pedaços ociosos do inferno. — Tens um bloco de notas eletrónico contigo? Vamos deixar uma mensagem à doutora. Quero regressar à Central.

— Sou capaz de ter. Algures. — E enquanto Peabody procurava nos bolsos, Louise entrou apressadamente no consultório.

— Tenho cinco minutos. Preciso de café. — Colocou-se em frente ao AutoChefe. — Fale enquanto me reabasteço.

— Conhecia Bryna Bankhead?

— Não.

— Peabody, uma fotografia. — Eve pegou na fotografia que Peabody tirou da pasta do processo e estendeu-a a Louise. — Reconhece-a?

Louise bebeu café com uma mão e passou a outra pelo cabelo en-

quanto olhava para a fotografia. No bolso da bata espreitava um estetoscópio e um chupa-chupa vermelho.

— Sim. Andei de elevador com ela uma ou outra vez, também a vi nas lojas próximas onde faço compras. Acho que podia ter falado com ela, como se deve fazer com os vizinhos que não se tem tempo de conhecer. Foi assassinada?

— Foi. — Eve mostrou-lhe uma cópia da fotografia do suspeito. — Reconhece-o?

— Não. — Louise pousou o café e pegou na fotografia, para a observar melhor. — Não, nunca o vi. Ele matou-a? Porquê?

Eve voltou a entregar as fotografias a Peabody.

— Alguma vez tratou alguém por causa de drogas indutoras do sexo? Rameira, Coelho?

— Sim. Nos meus turnos nas Urgências, aparecem algumas vezes por mês pessoas a sofrer dos efeitos de Coelho. Na maior parte das vezes são substâncias clone de Coelho, ou uma combinação de Exótica com Zeus, porque a substância verdadeira é bastante cara. Nunca lidei com Rameira e também não conheço ninguém que tenha lidado. Nós estudámo-la e aos seus derivados no estágio sobre substâncias ilegais, mas consta da lista de inativos.

— Agora já não.

— Foi isso que ele lhe fez? Drogou-a com Rameira? Rameira e Coelho? Jesus Cristo. — Louise esfregou o rosto com as mãos. — Misturados com álcool, presumo. Porque não se limitou a rebentar-lhe os miolos com uma arma laser?

— Talvez pudesse investigar um pouco, perguntar a alguns dos seus amigos médicos se sabem de algum reaparecimento de Rameira.

— Posso fazê-lo, sim. Sabe, só podia ter sido um homem a lembrar-se do nome de rua para essa porcaria. Sabe como começou?

— Não, como foi?

— Foi uma experiência para tratar fobias e outras condições, como desordem de ansiedade social. Era um pouco eficiente de mais para o efeito.

— O que quer dizer com isso?

— Que também tinha um efeito sobre as hormonas. Descobriu-se que funcionava mais eficientemente como auxiliar contra as inibições sexuais. Em doses diluídas e cuidadosamente monitorizadas, podia e de facto amplificava o desejo e função sexual. Daí, passou a ser usada no treino de acompanhantes registadas. Embora não fosse viciante, depressa se descobriu que era perigosamente instável. O que, naturalmente, quer dizer que se tornou desejada nas ruas, principalmente por entre os meninos ricos das faculdades e executivos júnior que gostavam de diluir uma dose nas bebi-



das das suas raparigas de sonho, para as deixarem um pouco mais desinibidas. — Empurrou a raiva que lhe subia na garganta com café.

— Foi assim que ganhou esse nome — continuou — porque, misturada com álcool, tem tendência para descontrair suficientemente o sistema da vítima, de modo a que não se importe de ser fornicada nua no meio do ringue de gelo do Rockefeller Center. Ela podia não ter necessariamente a coordenação motora para participar ativamente, e o mais provável era que não se lembrasse do que fizera, mas ficaria certamente passiva perante as sugestões.

— E com Coelho?

— Oh, podia ser passada por entre todo o Corpo da Marinha dos Estados Unidos, até perder de vez os sentidos, até o batimento cardíaco bater todos os recordes e as suas ondas cerebrais pararem completamente.

— Um médico saberia disso — incentivou Eve. — Um químico, um farmacêutico, um enfermeiro, um medi-técnico, qualquer pessoa com conhecimento de farmacêutica saberia que essa combinação era fatal?

— Sim, qualquer um desses profissionais devia saber disso. A não ser que ele ou ela fossem atrasados mentais, ou que se estivessem nas tintas enquanto a diversão durasse.

— Muito bem, faça algumas perguntas. Se alguma coisa lhe parecer estranho, contacte-me.

— Pode apostar.

— Fizeram um belo trabalho com esta clínica — acrescentou Eve.

— Gostamos de pensar que sim. — Louise acabou o café e atirou o copo para o centro de reciclagem. — Os seus três milhões deram para muita coisa.

— Três milhões?

— Estava preparada para aceitar o meio milhão que tínhamos combinado. Não esperava o bónus.

— Quando... — Eve passou a língua pelos dentes. — Quando foi que lhe dei o bónus?

Louise abriu a boca, voltou a fechá-la. Sorriu.

— Porque será que acho que você não faz ideia do que aconteceu?

— Refresque-me lá a memória, Louise. Quando é que lhe dei três milhões de dólares?

— Você nunca. Mas o seu representante deu, no final de fevereiro.

— E o meu representante é...?

— Um tipo de fato elegante chamado Treacle, da Montblanc, Cissler & Treacle. Recebi o dinheiro em duas tranches — o meio milhão como combinado e mais dois milhões e meio se concordasse em prestar os meus serviços ao Dochas, um centro de apoio a mulheres e crianças abusadas do

Lower East Side, recentemente criado. Segundo me disseram — contou, ainda com um sorriso, — *Dochas* é a palavra gaélica para *Esperança*.

— Não me diga?

— É verdade. Você tem ali um homem dos diabos, Dallas. Se alguma vez se cansar dele, eu aceito-o de boa vontade.

— Vou tentar não me esquecer disso.

— Deste-lhe aquele dinheiro todo? — perguntou Peabody enquanto seguia apressadamente Eve.

— Não, não lhe dei dinheiro nenhum porque o dinheiro não é meu, pois não? É do Roarke. Eu sou polícia, caraças. Um polícia não tem estações espaciais cheias de dinheiro para fazer estes gestos grandiosos.

— Está bem, mas mesmo assim. Ficas danada com isso?

Eve parou no passeio, inspirou profundamente.

— Não sei se fico danada com isso. — Mas para o caso de ficar, deu um pontapé na base de um candeeiro de rua. — Ele podia contar-me estas cenas, não era? Podia manter-me ao corrente das coisas para eu não passar por este tipo de situações e acabar a sentir-me uma idiota.

Peabody olhou novamente para a clínica, com o coração já de si mole a entrar numa espécie de derretimento.

— Eu cá acho que foi um gesto muito bonito.

— Não me contradigas, Peabody. Estás a esquecer-te que sou a polícia mais cabra do mundo?

— Não, chefe, e uma vez que o teu veículo está no mesmíssimo lugar e condição em que o deixaste, o bairro também não se esqueceu.

— É pena. — Olhou esperançosamente em redor. — Estava a apetecer-me dar cabo de alguns canastros.

De regresso à Central, Eve pegou numa barra de chocolate para substituir o almoço, matutou um pouco, pediu acesso aos dados das análises químicas do caso Bankhead, matutou mais um pouco, depois ligou a McNab, para o pressionar.

— Quero uma morada.

— Vinte e três moradas, chegam-te?

— Que diabo quer isso dizer?

— Ouve, vou marcar uma sala de reuniões, o teu gabinete é uma caixa de fósforos. No teu piso — disse, enquanto escrevia num teclado ao seu lado. — Hmm... sala 426. Vou usar o teu nome para a reservar.

— McNab...

— Isto é mais fácil e mais rápido de explicar pessoalmente. Dá-me cinco minutos.

E interrompeu a transmissão enquanto Eve começava a resmungar. Não teve outro remédio senão acabar de resmungar com Peabody.

— Sala de reuniões 426. Agora — ordenou.

Saiu de rompante do gabinete, atravessou a sala principal onde trabalhavam os agentes, com um olhar assassino que desencorajava qualquer pessoa que pensasse em dirigir-lhe a palavra. Quando entrou na sala de reuniões, já tinha reunido uma fúria considerável e só lhe faltava um bom alvo a quem a dirigir.

Para seu grande infortúnio, Feeney foi o primeiro a chegar.

— Mas que raio de divisão geres tu? — exigiu saber. — O McNab a dar-me ordens? A desligar-me a transmissão na cara? A marcar salas de reuniões no *meu* nome por sua própria iniciativa e... e a recusar-se a dar-me as informações quando lhas peço?

— Tem lá calma, Dallas, sou apenas um espetador inocente.

— Temos pena, porque normalmente são esses que costumam acabar mal.

Com um pequeno encolher de ombros, Feeney abanou o saco de frutos secos que lhe pesava no bolso.

— A única coisa que sei é que o miúdo me ligou a pedir que viesse aqui para nos pôr ao corrente da situação ao mesmo tempo.

— Eu sou a investigadora principal neste caso. A DDE foi chamada para me dar assistência e informação. Ainda não formei um grupo de trabalho para este caso, nem fui autorizada pelo comandante para o fazer. Até eu dizer o contrário, o McNab é uma abelhinha operária e nada mais.

Feeney parou de abanar o saco e inclinou a cabeça.

— Isso também vale para mim, Tenente?

— A tua patente não significa uma ponta de um corno quando a investigadora principal sou eu. Se não consegues ensinar aos teus subordinados a respeitar a hierarquia e os procedimentos, então se calhar a tua patente também não vale nada na tua divisão.

Ele aproximou-se até que as biqueiras dos sapatos tocaram nas botas dela, inclinou-se até a ponta do nariz tocar no nariz dela.

— Não me venhas ensinar como dirigir a minha divisão. Fui eu quem te treinou e ainda te posso dar um enxerto, por isso não queiras vir para cima de mim arrancar-me uma das minhas divisas.

— Desanda.

— Vai-te foder. Vai-te *foder*, Dallas. Se tens algum problema com o meu estilo de comando, desembucha. Tintim por tintim.

Alguma coisa estava prestes a explodir na cabeça de Eve. Porque não

o pressentira? Alguma coisa gritava no seu coração. Mas ela não o ouvira. Por isso foi ela quem recuou, um cauteloso passo.

— Ele drogou-a com Rameira e Coelho. Cobriu-lhe a cama com pétalas de rosa e fodeu-a até ela morrer. Depois atirou-a pela janela e ela ficou caída e toda partida, nua, no meio do passeio.

— Oh, Jesus. — A piedade inundou a voz de Feeney.

— Acho que fiquei com isto atravessado na garganta desde que o Morris me contou. Desculpa ter descarregado em ti.

— Esquece isso. Às vezes apanhamos um que nos bate mais que os restantes. Temos de descarregar em alguém.

— Tenho a imagem dele, tenho o ADN, tenho as transmissões dele. Sei em que mesa do clube ele lhe deu a primeira dose de Rameira na bebida que ela própria pagou com o cartão de crédito. Mas não o tenho a ele.

— Vais ter. — Feeney virou-se quando Peabody entrou um passo à frente de McNab. Vinham ambos com o rosto corado. — Detetive, pediu permissão à principal deste caso para reservar esta sala de reuniões?

McNab pestanejou.

— Precisei de...

— Responda à minha pergunta.

— Não exatamente, Capitão. — McNab não precisou de ver o sorriso matreiro de Peabody para saber que ela estava a sorrir. — Peço desculpa por ter passado por cima da Tenente Dallas. Acredito que a informação que tenho, hmm, a difundir é importante para a investigação e seria melhor se transmitida pessoalmente e não através de comunicações internas.

O embaraço que se ouvia a comprimir a voz de McNab era o suficiente para satisfazer Eve.

— Então, difunde lá, McNab.

— Sim, chefe. — Era difícil parecer austero e frio quando se usava calças vermelhas e uma camisola justa da cor dos narcisos. Mas McNab quase conseguiu. — Enquanto procurava localizar a fonte fraudulenta da conta do suspeito, consegui obter o nome usado no registo da tal conta. Ao que parece, trata-se de uma empresa chamada La Belle Dame.

— Ao que parece — repetiu Eve.

— Sim, chefe. No Estado de Nova Iorque não existe qualquer empresa ou organização em atividade com este nome. A morada dada para esta empresa é na verdade a Grand Central Station.

— E eu devia ficar entusiasmada com esta informação porque...?

— Bem, continuei a desbravar camadas e acabei por dar com várias fontes para as verdadeiras transmissões. As localizações de onde foram emitidas. Até agora, identifiquei vinte e três locais. Tudo cyber-cafés e clubes públicos em Manhattan, Queens e Brooklyn. Até agora — repetiu. —

Ele movimentava-se bastante, envia e recebe transmissões de vários portais em locais públicos. O único *e-mail* enviado ou recebido naquele endereço espelho foi para a Bryna Bankhead.

— Ele criou-o especificamente para ela — murmurou Eve.

— A conta ramificada pode ter outros endereços espelho — continuou McNab. — Não consegui passar por todos os bloqueios. Ainda. Quem quer que criou a conta sabe bastante sobre informática. Quero dizer, ele é bom e cuidadoso.

— A melhor amiga dela não o reconheceu. Até agora, nenhum dos vizinhos do edifício a quem fomos bater à porta o reconheceu. — Eve andou de um lado para o outro. — Se a Bankhead não o conhecia, se ele nunca foi visto nas imediações do edifício, nem dentro dele, antes da noite do crime, temos de partir do princípio que ele a marcou através do *chat*.

— Ele sabia onde ela trabalhava — intercedeu Peabody.

— Mas ela não o conhecia, nem a amiga que trabalha no mesmo departamento que ela. Talvez ele fosse um cliente ocasional. Se fosse um cliente regular ou um empregado que passava algum tempo na loja, elas teriam reparado. Ainda se repara nos homens que cirandam pelos departamentos de roupa interior feminina. Mas mesmo assim, vamos correr a imagem dele pelos arquivos de pessoal deles.

— Então ele usa estabelecimentos públicos. Ou gosta de socializar ou está a esconder-se à vista de toda a gente. Talvez as duas coisas. Vamos mostrar a fotografia dele nos estabelecimentos cibernéticos da cidade.

— Tenente? — McNab agitou os dedos. — Sabes quantos estabelecimentos cibernéticos existem em Nova Iorque?

— Não, nem quero saber. Mas podes começar por aqueles que ele visitou. — Olhou para Feeney. — Se o Whitney autorizar, queres fazer parte da investigação?

— Eu diria que já fazemos parte.

— Arranja-me uma lista — disse a McNab. — Vamos dividi-la e trabalhar em pares a partir de agora. — Deu um pequeno suspiro. — O McNab e o Feeney são peritos nesta área. Por isso, vou fazer esta pergunta uma única vez, aqui dentro desta sala. Alguém tem problemas em trabalhar com alguém desta equipa?

McNab olhou para o teto, fascinado com o monótono tom branco da tinta. Peabody limitou-se a franzir o sobrolho aos sapatos.

— Presumo que a resposta seja não. Peabody, ficas com o McNab; Feeney, ficas comigo. Comecem no West Side; nós começamos no East. Vamos a tantos estabelecimentos quanto possível até... — Olhou para a unidade de pulso e fez as contas. — Às vinte e uma. Encontramo-nos no

meu escritório em casa amanhã, às oito, para uma reunião. Feeney, vamos levar isto ao Whitney.

Feeney saiu atrás dela, a assobiar.

— Podias ter-nos dividido de outra forma.

— Pois podia. — Eve olhou para trás para o corredor e desejou não ter cometido um erro. — Mas acho que assim os dois têm oportunidade de pôr este assunto atrás das costas e todos podemos regressar à normalidade.

Ele pensou enquanto entravam num elevador.

— Aposto vinte na Peabody.

— Merda. — Eve enfiou as mãos nos bolsos. — Está bem, mas se tiver de meter dinheiro no canastro do McNab, quero probabilidades. Três para cinco.

— Negócio fechado.

Na sala de reuniões, Peabody e McNab continuaram sentados no mesmo lugar.

— Eu não tenho problemas nenhum em trabalhar contigo — disse McNab.

— E porque havias de ter? Eu também não tenho problemas nenhuns em trabalhar contigo.

— Ótimo.

— Ótimo.

Ficaram a olhar fixamente para o teto e para os sapatos durante mais vinte segundos. McNab foi o primeiro a falar.

— De qualquer maneira, quem me tem andado a evitar és tu.

— Não tenho nada. Por que motivo o faria? Tu pertences ao passado.

— E quem é que disse o contrário? — Custava-lhe que ela conseguisse dizer aquilo tão friamente, quando ele pensava nela o tempo todo.

— E se *tu* não estivesses a tentar chamar a minha atenção, não pensarias que tenho andado a evitar-te.

— Merda. Chamar-te a atenção para quê? Eu sou um rapaz muito ocupado, *She-Body*. Demasiado ocupado para me preocupar com uma agente austera qualquer que passa o tempo livre a brincar com AR.

— Não metas o Charles neste assunto. — Peabody colocou-se de pé num salto, com o sangue a ferver de raiva. E um novo pequeno rasgão no coração.

— Cá eu não tenho de ir à caça de profissionais. Tenho todas as amadoras que quero. — McNab esticou uma perna e fez um sorriso manhoso. — Mas isso não é para aqui chamado, não é verdade? Temos um trabalho para fazer e mais nada. Isto é, se conseguires dar conta do recado.

— Eu consigo dar conta dos recados que tu conseguires. E mais ainda.

— Ótimo. Vou fazer a lista e podemos começar.

— Não conheces o rosto dele.  
 Eve franziu o sobrolho a Dickie Berenski, o chefe do laboratório. Ele podia ter um sorriso bajulador e uma atitude que lhe granjeara a alcunha pouco afetuosa de Dickhead, assim como um defeito de personalidade que o fazia pensar que era um pitéu para as mulheres, mas era um génio no seu pequeno mundo de fibras, fluidos e folículos.

— Tiraste-me do terreno para me dizeres que não conheço o rosto dele?

— Pensei que querias saber. — Dickie afastou-se na mesa de trabalho e girou a cadeira para outro monitor. Os dedos aracnídeos dançaram no teclado. — Estás a ver aquilo ali?

Eve observou a imagem colorida no monitor.

— É um cabelo.

— Alguém dê um prémio à senhora. Mas que tipo de cabelo, quererás saber; estou aqui para te responder a essa pergunta. Isto não veio da cabeça do criminoso, nem da cabeça da vítima, ou de qualquer outra região dos seus corpos. Este cabelo é de uma peruca. Uma peruca de cabelo humano, bastante dispendiosa.

— Consegues localizá-la?

— Estou a tratar disso. — Impulsionou a cadeira para outro posto de trabalho. — Sabes o que é isto?

No monitor estavam várias formas coloridas, círculos e fórmulas. Eve expirou impacientemente. Detestava aquele tipo de adivinhas, mas sabia como eram as coisas quando se tratava de Dickie.

— Não, Dickie, porque não me dizes do que se trata?

— É maquilhagem, Dallas. Base em creme número 905/4. Encontrei vestígios nos lençóis. E não condizem com o que a rapariga tinha no rosto. Mas ainda há mais. — Mudou a imagem. — Aqui temos vestígios de uma massa facial. É uma coisa que as pessoas usam para aumentar o queixo, as maçãs do rosto, enfim, para fazerem alterações fisionómicas quando não querem esculpir o rosto permanentemente e merdas assim.

— E não era ela quem estava a usar essa massa facial.

— Mais um prémio para a menina! O tipo estava a usar uma peruca, massa facial e maquilhagem. Logo, não conheces o rosto dele.

— Bem, isto são realmente notícias maravilhosas, Dickie. Tens mais alguma coisa para me contar?

— Encontrei alguns pelos púbicos. Dos verdadeiros, castanhos médios. Antes de acabarmos as análises, já te poderei dizer mais alguma coisa sobre ele. Tenho as impressões digitais dele nos copos de vinho, na garrafa, no corpo dela, nas portas da varanda e no corrimão. Estão por todo o lado. Se o encontrares, apanhamo-lo com facilidade.

— Envia-me o que tens. Identifica o nome das marcas. Quero essa informação amanhã de manhã.

— Ei! — gritou Dickie enquanto Eve se afastava a passos largos. — Podias pelo menos agradecer-me.

— Pois. Obrigada. Raios partam.

Deixou que as informações lhe dançassem na cabeça durante o caminho para casa, tentando perceber que tipo de homem vivia no interior do seu assassino. Tinha medo do que via. Ele era inteligente — suficientemente inteligente para mudar de aspeto e fazer com que as câmaras de segurança e a própria Bryna Bankhead não o pudessem identificar. Mas não a tinha levado a sair, nem regressado ao apartamento dela com a ideia de a matar. Eve tinha a certeza disso.

A intenção dele era seduzi-la.

Mas as coisas tinham dado para o torto, matutou, e ele deu por si com uma mulher morta sobre a sua cama coberta de pétalas de rosa. Ele reagiu, em pânico ou furioso, e atirou-a pela varanda. *Pânico*, ecoou na cabeça de Eve. Quando saiu do apartamento dela, não era raiva o sentimento espelhado no rosto do assassino.

Ele tinha dinheiro, ou acesso facilitado a ele. Depois de mais de um ano com Roarke, Eve reconhecia os sinais. Reconheceu o corte exclusivo do fato dele, até o brilho dispendioso dos sapatos.

Mas tinha deixado Bryna pagar as bebidas. *Dois pelo preço de um*, pensou Eve. Não deixava rastros de registos no seu nome e ainda recebia uma massagem ao ego por ter uma mulher a pagar-lhe as despesas.

Ele tinha sólidas capacidades tecnológicas e conhecimentos de química. Ou, mais uma vez, acesso a esse conhecimento e capacidades.

Era sexualmente pervertido. Talvez inadequado, impotente até em circunstâncias normais. Quando Eve se aproximou dos portões de casa, já tinha decidido que ele era solteiro. Era pouco provável que tivesse tido alguma relação saudável ou de longa duração no seu passado. Nem sequer procurava uma relação deste tipo. Ele queria deter o controlo completo. As encenações românticas eram para seu benefício, não dela.

*Uma ilusão*, decidiu Eve, *era a fantasia dele*. Para se poder ver como um amante.



Agora que conseguira esse controlo, faria uma de duas coisas: ia enroscar-se envolto em medo e culpa pelo que tinha feito. Ou ia voltar a caçar.

De acordo com a experiência de Eve, era raro os predadores pararem depois da primeira vítima.

A casa apareceu à frente dos seus olhos, com todos os ângulos requintados e elegantes suavizados pela luz do entardecer. As luzes brilhavam abundantemente contra as muitas janelas, demasiadas para se contarem. As árvores e arbustos ornamentais com nomes que não sabia identificar estavam em pleno florescimento, perfumando delicadamente o ar, com tanta intensidade que era até possível esquecer que se encontrava em plena cidade.

Mas também, Eve pensava frequentemente naquele estranho e perfeito espaço para lá dos muros de pedra e portões de ferro forjado como um lugar independente do resto do mundo. Só que era lá que vivia.

Tinha acabado por se apaixonar por aquela casa. Há pouco mais de um ano não julgava que isso fosse possível. Era verdade que a admirava. Sentira-se intimidada e ao mesmo tempo fascinada pela beleza pura do lugar, pelo impressionante número de divisões e tesouros. Mas o amor tinha-a apanhado e continuado com ela. Exatamente como o amor pelo dono da casa a apanhara. E continuava com ela.

Sabendo que ele não estava em casa, sentiu-se tentada a dar meia-volta e ir-se embora. Podia passar a noite na Central.

Mas como a ideia a deprimia, porque a relembra do que podia fazer antes de deixar Roarke entrar na sua vida, estacionou em frente à casa.

Subiu os velhos degraus de pedra, abriu a grande porta da frente e saiu do crepúsculo para entrar na elegante luz do átrio de casa.

E Summerset, um corvo escanzelado no seu habitual uniforme preto, estava à sua espera. O rosto impenetrável condizia com o tom de voz.

— Tenente. Saiu das instalações a meio da noite e esqueceu-se de me informar do seu horário e das horas a que regressaria a casa.

— Oh, papá, estou de castigo?

Porque sabia que o irritaria, e irritar o mordomo de Roarke era um dos prazeres garantidos da vida de Eve, tirou o casaco e atirou-o para o pilar polido da escadaria principal.

Porque sabia que a irritaria, e irritar a polícia de Roarke era um dos prazeres garantidos da vida de Summerset, pegou no velho casaco de couro com as pontas de dois dedos magros.

— Informar-me das suas entradas e saídas é uma cortesia básica, coisa que, naturalmente, é incapaz de compreender.

— Ui. Nós cá nos conseguimos entender. De qualquer maneira, estive na farra a noite toda. Sabe, enquanto o patrão está fora. — Eve queria

perguntar-lhe se sabia quando Roarke devia chegar a casa, mas não foi capaz de o fazer.

Ele devia saber, pensou, quando começou a subir as escadas. Ele sabia todas as merdas que havia para saber. Podia ligar a Roarke e perguntar-lhe, mas isso faria com que se sentisse igualmente estúpida. Não tinha falado com ele há vinte e quatro horas? Não lhe tinha ele dito que esperava resolver tudo e regressar a casa dentro de um par de dias?

Eve entrou no quarto, pensou em tomar um duche, em comer qualquer coisa. Mas decidiu que não estava com disposição para nenhuma das opções. O melhor era ir para o escritório, fazer o cálculo de algumas probabilidades e reler as notas sobre o caso. Tirou o arnês da arma, rodou os ombros. Mas percebeu que trabalhar também não era a solução.

O que precisava era de algum tempo para pensar.

Era muito raro ir para o jardim do telhado. Não gostava de alturas. Mas apesar de a casa ser espaçosa, sentia-se presa no seu interior. E talvez o ar a ajudasse a clarear a cabeça.

Abriu a cúpula para a luz das estrelas brilhar sobre as árvores anãs e as flores luxuriantes que cresciam e se espalhavam para fora dos vasos. Uma fonte jorrava água para um lago onde nadavam peixes exóticos que brilhavam como joias molhadas.

Caminhou lentamente até ao muro, esculpido com fadas aladas, que rodeava aquela porção do telhado.

Tinham recebido convidados ali em cima um par de vezes, recordava-se. Para um homem com a posição de Roarke, receber convidados fazia parte do trabalho. Embora, por razões que lhe escapavam, receber era uma coisa que ele gostava realmente de fazer.

Não se lembrava de alguma vez ter ali estado sozinha, ou, já agora, só com Roarke. Questionou-se quem diabo trataria daquelas flores todas, das plantas, quem alimentava os peixes, quem mantinha os azulejos brilhantes, quem se certificava de que as cadeiras e mesas e todo o santuário estavam limpos.

Era raro ver ali por casa qualquer espécie de empregado, humano ou droide, à exceção de Summerset. Mas também, Eve já aprendera que quem tinha uma riqueza considerável e muito poder, conseguia comandar facilmente verdadeiros exércitos silenciosos e quase invisíveis que tratassem dos aspetos menos agradáveis da vida.

Não obstante essa riqueza e poder, Roarke tinha ido pessoalmente tratar dos últimos detalhes relativos à morte de um amigo.

E ela passava os dias a tratar dos detalhes das mortes de estranhos.

Deixou que as ideias se clareassem e depois voltou a pensar em Bryna Bankhead.

Jovem, ansiosa, romântica. Organizada. Rodeava-se de coisas atraentes, dispostas de modo atraente. O armário estava cheio de roupas com estilo, tudo primorosamente pendurado.

Tanto o vestido como os sapatos que usara no encontro fatal eram novinhos em folha, com os débitos eficientemente registados na sua agenda. Tinha feito também uma manicura e uma limpeza facial; colocara uns brincos bonitos que comprara na mesma tarde do encontro.

Era uma mulher muito feminina, matutou Eve. Que lia e gostava de poesia.

O que significava que o assassino tinha procurado por uma mulher jovem, romântica e particularmente feminina.

Ela tinha duas garrafas de vinho na cozinha, uma de vinho branco, outra de tinto. Mas nenhuma das duas se aproximava da marca ou do preço da garrafa que estava sobre a mesa da sala. Será que ele a trouxera consigo, naquele saco de couro negro, juntamente com as substâncias ilegais, as pétalas de rosa e as velas?

Ela tinha preservativos na gaveta da mesa de cabeceira, mas ele não usara nenhum deles. Bryna estava demasiado dopada com as drogas para insistir nesse tipo de defesas, o que significava que o assassino não se preocupara com a proteção, nem em deixar rastros de ADN.

Porque, se ela tivesse sobrevivido, nem sequer o conseguiria identificar pela descrição física. Mais do que isso, pensou Eve, ela nem teria a certeza do que tinha acontecido. Beberam uns copos num local público, onde, de acordo com o empregado que Eve interrogara naquela tarde, Bryna se mostrou muito à vontade com o seu encontro. Deram as mãos, beijaram-se, riram, olharam demorada e significativamente um para o outro. A avaliar pelo testemunho do empregado, pareciam amantes.

As câmaras de segurança não só corroboravam esse facto, como ainda o reforçavam. Ela não se limitara a deixá-lo entrar no seu apartamento, puxara-o verdadeiramente para dentro de casa.

Tinha sido uma jogada inteligente da parte dele, pensava agora Eve. Esperar, deixar que ela tomasse a iniciativa. Para que ficasse registado.

Se ela tivesse sobrevivido, ele ficaria completamente ilibado.

Questionou-se se já o teria feito antes.

Não, não. Começou a andar de um lado para o outro ao longo do muro. Se o tivesse feito, por que motivo cometeria o erro de lhe dar uma dose letal de substâncias ilegais? Parecia ser uma primeira vez. Mas ia calcular a probabilidade.

Se houvesse mais alguma ocorrência, sempre seria mais uma via a explorar, mais uma hipótese de o localizar. De o deter.

Pegou no bloco de notas eletrónico e inseriu algumas palavras-chave.

*Chats*  
*Poesia*  
*Substâncias ilegais raras e caras*  
*Peruca, melhoradores cosméticos*  
*Rosas cor-de-rosa*  
*Pinot Noir '49*  
*Perversão sexual*  
*Capacidades tecnológicas*  
*Conhecimento de química*

Depois de passar os olhos pelas próprias palavras, guardou o bloco de notas no bolso. Afinal, talvez fosse mesmo tomar o tal duche, comer alguma coisa e trabalhar um pouco.

Quando se virou, deu de caras com Roarke.

Não importava que já estivessem juntos há mais de um ano. Ocorreu-lhe que o mais certo era vir a sentir sempre aquele sobressalto no coração de cada vez que o via, aquela sensação estonteante que ficaria com ela para o resto da vida.

E era capaz de um dia deixar de se sentir envergonhada com isso.

Ele parecia saído de uma fantasia. O corpo esguio e comprido vestido de preto, teria um aspeto igualmente natural se estivesse sob uma esvoaçante capa ou uma armadura baça.

O rosto dele, emoldurado por aquela cabeleira preta e sedosa, seria adequado a um poeta ou a um guerreiro, com a estrutura óssea esculpida a cinzel e a boca voluptuosa e sensual. Os olhos, daquele maravilhoso e selvagem tom de azul, ainda tinham o poder de a deixar com os joelhos a tremer.

Não, percebeu, jamais deixaria de se sentir envergonhada com aquela sensação.

Jamais deixaria de a fazer sentir-se extasiada.

— Voltaste mais cedo.

— Um pouco. Olá, Tenente.

Ao ouvir o som da voz dele, com aquela subtil e rica melodia irlandesa, tudo desabou dentro dela. Depois ele sorriu, apenas uma ligeira inflexão nos lábios, e Eve deu um passo na sua direção. Ao segundo passo, já estava a correr para ele.

Ele encontrou-a a meio do caminho, levantou-a no ar enquanto a sua boca encontrava a dela.

Havia calor, uma onda rápida, e uma ardência por baixo dela, que se espalhava e instalava pelo corpo até ao seu âmago.

Estava em casa, pensou ele enquanto o sabor dela se sobrepunha à dor e ao cansaço dos últimos dias. Estava finalmente em casa.

— Esqueceste-te de me informar do teu horário — disse Eve, numa imitação razoavelmente precisa de Summerset. — Agora acho que vou ter de cancelar o encontro escaldante que tinha marcado com aqueles gémeos que fazem *lap-dances*.

— Ah, o Lars e o Sven. Já ouvi dizer que são bastante imaginativos. — Encostou o seu rosto ao dela enquanto a pousava novamente no chão. — O que estás a fazer aqui em cima?

— Não sei bem. Não conseguia sossegar, estava a precisar de apanhar ar. — Recuou para observar o rosto dele. — Estás bem?

— Estou.

Mas Eve inclinou a cabeça para o lado e segurou o rosto dele entre as mãos.

— Estás bem? — repetiu.

— Foi difícil. Mais do que estava à espera. Pensei que ia lidar com aquilo e pronto.

— Ele era teu amigo. Por muitas outras coisas que fosse, era teu amigo.

— Um amigo que morreu para que eu continuasse vivo. Já tinha resolvido isso na minha cabeça. — Pousou os olhos castanhos nos dela. — Ou pelo menos pensei que tinha resolvido. Mas aquela vigília que o Brian quis fazer, a reunião de tanta gente do meu passado, depois ver o local em que o Mick foi enterrado... foi difícil.

— Eu devia ter ido contigo.

Ele sorriu levemente.

— Alguns dos lamentosos podiam sentir-se um pouco desconfortáveis com uma polícia entre eles. Mesmo que fosse a minha polícia. Ainda assim, tenho uma mensagem para ti, que manda o Brian. Enquanto estava atrás do seu bar, o Penny Pig, pediu-me que te dissesse que quando ganhares juízo e te fartares de mim, ele está à tua espera.

— É sempre bom ter alguém de reserva. Já jantaste?

— Não, ainda não.

— Porque não tentamos inverter um pouco os papéis? Preparo-te qualquer coisa para comeres, à socapa meto-te um calmante na comida e depois deito-te na cama.

— Tens sombras por baixo dos olhos, por isso quer-me parecer que quem precisa de comer e dormir és tu. O Summerset disse que estiveste fora a noite toda.

— O Summerset é um grande queixinhas. Apareceu-me um caso ontem à noite.

Roarke passou os longos dedos pelo cabelo dela, deixando cair as madeixas de tons acastanhados e louros.

— Queres falar-me disso?

Podia ter dito que não e ele acabaria por lhe arrancar as coisas na mesma.

— Mais tarde.

Eve voltou a aninhar-se nos braços dele e abraçou-o.

— Senti a tua falta, Eve. Senti falta de te abraçar assim. Senti falta do teu cheiro, do teu sabor.

— Podes compensar essa falta. — Eve virou a cabeça e os lábios roçaram no queixo dele.

— Planeio fazê-lo.

— Os planos são fáceis de se fazer. — Agora usava os dentes para lhe morder o queixo. — Prefiro ações. Aqui mesmo, agora.

Roarke deixou que ela o empurrasse para uma cadeira comprida almofadada.

— Então e o Lars e o Sven?

— Trato deles mais tarde.

Ele sorriu e virou-a para ser ela a cair primeiro em cima da cadeira.

— Acho que vais ficar demasiado cansada para uma *lap-dance*.

— Olha que não sei. Sinto-me bastante enérgica. — Mexeu-se para o acomodar entre as coxas. E ergueu o sobrolho. — Bem, tu também estás cheio de energia.

— Parece que recorri à minha reserva. — Ele abriu-lhe o primeiro botão da camisa. — Olha lá, esta camisa não é minha?

Ela estremeceu antes que conseguisse deter-se.

— E depois?

— Depois — sensibilizado, divertido, Roarke abriu-lhe o resto dos botões, — receio querer tê-la de volta.

— Pois, como se não tivesses quinhentas camisas... — A voz dela desvaneceu-se quando os dedos dele passaram por cima dos seus seios. — Pronto, está bem, já que queres que seja assim.

— Quero pois. — E beijou-lhe os lábios.

Roarke afundou-se nela, camada por camada. No sabor da sua boca, da pele, da textura de ambas, excitado, reconfortado, seduzido. A forma do corpo dela — pernas compridas, tronco estreito, seios pequenos e firmes — era um prazer interminável.

Ela puxou as camisas, a que ele usava e a que ela tinha vestido emprestada e a pele encontrou-se com a pele. Arqueou as costas; ele escondeu-se nela.

O ar da noite arrefeceu em redor deles, mas o sangue de ambos corria quente. Ela suspirou quando as suas bocas se voltaram a encontrar, enquan-

to os lábios se entreabriam, à medida que as línguas se tocavam num beijo longo e molhado que passou de suave a urgente.

O suspiro dela transformou-se num gemido quando a boca dele começou a avançar implacavelmente pelo seu corpo.

*Mais. Tudo. A totalidade,* pensou ele. Depois parou de pensar.

O pescoço dela, os ombros, as suas linhas e curvas. Alimentou-se dela, depois avidamente dos seus seios até parecer que se alimentava do próprio coração.

Estremecendo, ela curvou-se na direção dele, dando-lhe mais enquanto as mãos o percorriam para o envolver.

Ele fazia com que ela quisesse mais do que achava possível alguém querer. A sensação era sempre a mesma. E quando as mãos e a boca dele a acariciaram corpo abaixo, Eve agarrou-se ao braço da cadeira e embarcou na furiosa tempestade do prazer.

Viu as estrelas a girar no céu por cima da cabeça, sentiu outras a explodir dentro do seu corpo. Ficou inerte, transformou-se em líquido e movimentou-se contra ele num ritmo lento e sinuoso.

A urgência deu lugar à ternura. Um carinho, um murmúrio, uma deslocação suave, corpo a corpo.

Os dedos dela embrenharam-se no cabelo dele. Os lábios encontraram a curva do pescoço dele, e aninhou-se contra a pulsação que corria por ela. Quando ele deslizou para dentro dela, ela abriu os olhos e deu com ele a observá-la.

Nunca, pensou enquanto a respiração lhe tremia por entre os lábios, ninguém a olhara daquela maneira. De uma maneira que lhe dizia que ela era o centro de tudo.

Ergueu-se contra ele, caiu e voltou a erguer-se novamente, numa dança tão paciente quanto pura. O ritmo manteve-se lento, enquanto os lábios de ambos se voltavam a encontrar.

Ela ouviu-o, sentiu-o dizer o seu nome:

— Eve.

Envolveu-o nos braços, segurou-o bem perto de si, enquanto se dirigiam juntos para casa.

Ele desencantou uns roupões algures. Eve questionava-se por vezes se ele tinha uma fábrica de bichos-da-seda escondida por baixo da casa, porque parecia que os roupões de seda nunca se acabavam. Aqueles eram pretos e largos o suficiente para envolveram confortavelmente o corpo numa noite amena de primavera enquanto jantavam ao ar livre.

Eve decidiu que era difícil uma sensação melhor do que comer bi-

fes de vaca mal passados, bifes de vacas de verdade, beber um vinho tinto encorpado, numa mesa à luz das velas no jardim do telhado. E tudo isto depois de uma sessão de sexo estupendo.

— É bastante bom — disse por entre dentadas.

— O quê?

— Ter-te de regresso a casa. Os jantares elegantes não são muito divertidos quando estou sozinha.

— Tens sempre o *Summerset*.

— Agora vais dar-me cabo do apetite.

Roarke observou-a a devorar o bife.

— Não me parece. Comeste alguma coisa hoje?

— Comi um donut, e não comeces. O que é *Pinot Noir* quarenta e nove?

— Que marca é? — respondeu incisivamente, assim que ela fez a pergunta.

— Ahh, merda. — Eve fechou os olhos até ter a imagem da garrafa na cabeça. — *Maison de Lac*.

— É uma escolha excelente. A cerca de quinhentos dólares cada garrafa. Tenho de verificar para ter a certeza, mas deve andar lá perto.

— É um dos teus?

— Sim. Porquê?

— Porque é uma das armas do crime. O edifício de apartamentos da rua Dez é teu?

— Que edifício de apartamentos na rua Dez?

Eve sibilou, puxou pela cabeça e deu-lhe a morada.

— Parece-me que não. — Roarke sorriu. — Como é que me escapou esse?

— És muito engraçado. Bem, é bom saber que posso apanhar um assassinato num local da cidade que não seja propriedade tua.

— Como foi uma garrafa de vinho tão bom de quinhentos dólares usada como arma do crime? Veneno?

— De certa forma. — Eve debateu-se durante cinco segundos e a seguir contou-lhe

— Ele cortejou-a por *e-mail* — disse Roarke. — Romanceou-a através da poesia, depois deitou duas das drogas mais desprezíveis alguma vez concebidas na bebida dela.

— Bebidas — corrigiu Eve. — Ele manipulou-a durante a noite toda.

— Depois compôs o cenário... romance, sedução... e usou-a. Usou-a até ao limite — disse ele suavemente. — E isto tudo enquanto dizia para consigo, acho eu, que ela estava a gostar. Que aquilo não era violação, mas



sim, mais uma vez, sedução, romance. Sem ser violento, mas erótico e mutuamente satisfatório.

Eve pousou o garfo.

— Porque dizes isso?

— Disseste que ele estava disfarçado. Uma vez no apartamento dela, e estando ela já sob a influência das substâncias ilegais, ele podia ter feito com ela o que quisesse. Se quisesse magoá-la, se a violência fizesse parte do que o excita, podia tê-lo feito. Mas em vez disso acrescentou luz das velas, música, flores. E deu-lhe uma droga concebida para a tornar agressiva e sexualmente necessitada. A ilusão de que não estava apenas disposta, mas arrebatada pela paixão. Precisaria ele disso para massajar o ego, ou para conseguir desempenhar fisicamente? Talvez ambos?

— É uma boa teoria. É boa, sim — repetiu Eve, acenando com a cabeça. — Não estava a conseguir pensar tanto como um homem. O disfarce também é uma parte da sedução. As roupas caras, o cabelo e a maquilhagem. Ele queria parecer-se com...

Eve parou de falar e olhou para o homem excepcional que tinha à sua frente.

— Oh, merda, ele queria parecer-se contigo.

— Desculpa?

— Não *contigo*, especificamente... escolheu cabelo muito comprido e ondulado e olhos verdes. Mas com o teu tipo. Com uma fantasia perfeita.

— Querida, assim deixas-me envergonhado.

— Não há dúvida. O que estava a dizer é que, para ele, o aspeto também faz parte da *sua* fantasia. Ele quer ser o amante maravilhoso, o homem irresistível. O que aparenta e o que é, ou pretende ser. Rico, viajado, instruído, sofisticado e ainda assim profundamente romântico. Há um certo tipo de mulheres que são o alvo preferencial para este tipo de homens.

— Mas não no teu caso, Tenente — disse Roarke com um sorriso.

— Eu só casei contigo por causa do sexo. — Eve voltou a pegar no garfo. — E pelas refeições regulares de carnes vermelhas. O que me faz lembrar aqui de um pequeno parêntese. A Louise Dimatto vive no mesmo edifício de apartamentos que a vítima.

— Ai vive?

— E estava no passeio quando a Bankhead caiu no chão.

Ele encheu os copos.

— Lamento ouvi-lo.

— Hoje passei pela clínica para a pôr ao corrente dos acontecimentos. Houve muitas mudanças por aqueles lados.

— Hmm.

— Pois, hmm. Porque não me disseste que tinhas dado três milhões de dólares à clínica?

Roarke levantou o copo e bebeu um gole.

— Eu faço muitas doações para obras de caridade sem te comunicar. — Ofereceu-lhe um sorriso. — Queres que de futuro te faça chegar uma cópia das minhas doações?

— Não te armes em esperto comigo. O que quero saber é por que motivo agiste nas minhas costas e lhe deste cinco vezes mais do que o que tínhamos acordado? Gostava de saber porque não me contaste nada sobre este abrigo que abriste e ao qual pediste que a Louise dedicasse algum do seu tempo.

— Porque gostei do trabalho que ela estava a desenvolver.

— Roarke. — Eve pousou as mãos sobre as mãos dele. Com firmeza. — Abriste aquele abrigo por minha causa. Achaste que ia ficar perturbada, ou danada se me contasses sobre as tuas intenções?

— Já tinha implementado os planos para o abrigo há muitos meses. Por ti — disse ele, virando as mãos de modo a entrelaçar os dedos nos dela. — E por mim. Nós não tínhamos para onde ir, pois não, Eve? E eu, se tivesse, não tinha ido. Era demasiado duro, estava demasiado zangado. Mesmo a sangrar dos ouvidos depois da última tarefa, não tinha ido para nenhum abrigo. Mas outros podiam ir.

Levantou as mãos entrelaçadas, observando a maneira como encaixavam uma na outra. A maneira como se seguravam.

— Ainda assim, tenho quase a certeza que se não fosse por ti, não me teria lembrado de fazer isto.

— Mas não me disseste nada.

— O abrigo ainda não está concluído — começou por dizer. — Já abriu e já aceitaram o que chamam de hóspedes. Mas ainda há alguns detalhes que precisam de ser finalizados, alguns programas que ainda não estão completamente implementados. Devem ficar... — A voz quebrou-se. — Não, não te contei nada. Não sei dizer se tinha intenção de te contar ou não, porque não tinha a certeza se ia deixar-te contente ou perturbada.

— Gosto do nome.

— Ainda bem.

— E o que me deixa perturbada, embora essa seja uma palavra finórria, é que não me digas que andas a fazer qualquer coisa que me deixaria muito orgulhosa de ti. Eu também não teria recorrido a um desses locais — continuou quando ele se limitou a olhar para ela. — Porque ele me meteu tanto medo deles, porque fazia com que parecessem poços fundos e negros e eu tinha tanto medo da escuridão como tinha dele. Por isso não teria ido para um abrigo. Mas outros podiam ir.

Ele levantou a mão dela até aos lábios.

— Sim.

— Agora, olha bem para ti, malandro de Dublin. Um pilar da comunidade, filantropo, com uma consciência social líder na cidade.

— Não comeces com *isso*.

— O tipo durão com um coração grande e mole.

— Não me obrigues a magoar-te, Eve.

— Ouviste isto? — perguntou ela, inclinando a cabeça para o lado. — É o som dos meus joelhos a tremer. — Recostou-se na cadeira, feliz por ver que a tristeza que ele trazia espelhada no rosto quando chegou a casa já tinha desaparecido. Estava realmente a conseguir entender aquela coisa de ser mulher dele.

— Muito bem, agora que já deixei que me fornicasses e alimentasses, satisfazendo assim todos os meus apetites imediatos, tenho de ir trabalhar.

— Peço imensa desculpa, mas parece que me lembro de ouvir alguém dizer que me ia colocar na cama.

— Isso vai ter de esperar, espertalhão. Quero calcular algumas probabilidades e ver se consigo encontrar um fio condutor na conta espelho que este tipo usa. É uma empresa francesa. La Belle Dame.

— Keats.

— O quê?

— Não é o quê, minha plebeia, é quem. John Keats. Um poeta clássico do século XIX. O poema intitula-se “La Belle Dame Sans Merci”. A bela e impiedosa senhora.

— Como é que tu sabes estas coisas?

— É espantoso, não é? — Roarke deu uma gargalhada, enquanto a ajudava a levantar-se. — Vou buscar o poema, depois podemos dedicar-nos ao trabalho.

— Não preciso de...

Ele calou-a com um beijo rápido e brusco.

— Que tal fazermos assim: fingimos que já disseste que não precisas ou não queres a ajuda ou interferência de um civil, depois eu aponto as vantagens absolutamente sãs e razoáveis para a aceites. Discutimos sobre isso durante vinte minutos, depois admites que sou capaz de arranjar informações mais depressa do que tu, que duas cabeças pensam melhor que uma, e por aí em diante, e dedicamo-nos finalmente ao trabalho. Vai poupar-nos algum tempo.

Eve expirou sonoramente.

— Muito bem, mas se te apanho com aquela tua expressão convencida, dou-te um enxerto.

— Querida, nem é preciso dizeres isso.

*Eles não conheciam o rosto dele.* Sempre que o medo tentava, impaciente, Erastejar-lhe sob a pele, repetia aquele facto tão singelo e essencial.

Não conheciam o rosto dele e por isso não o podiam encontrar.

Podia andar pelas ruas, apanhar um táxi, comer num restaurante e entreter-se num clube para adultos. Ninguém o questionaria nem lhe apontaria o dedo ou se apressaria a chamar a polícia.

Tinha matado e estava em segurança.

No seu sentido mais básico, a vida que levava não tinha mudado. E mesmo assim, tinha medo.

Tinha sido um acidente, claro. Nada mais que um infeliz erro de cálculo causado por um excesso de entusiasmo perfeitamente compreensível. Na verdade, ao observar toda a situação, a culpa tinha sido tanto da mulher como dele.

Mais dela, até.

Quando o disse, novamente, enquanto roía vigorosamente a unha do polegar, o seu companheiro suspirou.

— Kevin, se tens de andar de um lado para o outro e repetir-te, é bom que o faças noutro lado. É muito entediante.

Kevin Morano, um homem jovem, alto, bem cuidado, de vinte e dois anos, sentou-se, tamborilando com os dedos de unhas bem arranjadas no braço de couro de uma poltrona. O rosto não tinha uma ruga, os olhos eram de um azul calmo e vulgar, o cabelo castanho-claro de comprimento médio.

O seu aspeto era agradável mas banal, manchado apenas pela sua tendência de amuar ao menor sinal de crítica que lhe fosse dirigida.

Era o que fazia agora ao observar o amigo, a sua companhia mais antiga e constante. Achava que, pelo menos da parte dele, merecia alguma solidariedade e apoio.

— Acho que tenho motivos para estar preocupado. — A sua voz estava inundada de petulância, num pedido lamentoso por compreensão. — Foi tudo para o diabo, Lucias.

— Disparate.

Aquela palavra era mais uma ordem que um comentário. Lucias Dunwood estava habituado a comandar Kevin. Na sua opinião, era a única maneira de conseguir que alguma coisa fosse feita.

Continuou a trabalhar nos seus cálculos e medições no dispendioso laboratório que tinha concebido e equipado para se adequar às suas necessidades e desejos. Como sempre, trabalhava com confiança.

Enquanto criança, fora considerado um prodígio, um menino bonito com caracóis ruivos, olhos brilhantes e um talento impressionante para a matemática e a ciência.

Fora mimado, estragado, educado e elogiado.

O monstro que vivia dentro da criança fora muito astuto e paciente.

À semelhança de Kevin, tinha sido educado no meio da riqueza e privilégio. Cresceram quase como irmãos. Numa aceção bastante real, tinham sido concebidos de formas muito semelhantes, com propósitos semelhantes e consideravam-se mais que irmãos.

Desde o início, mesmo quando eram crianças, reconheceram-se mutuamente. Reconheceram o que se escondia por baixo daqueles corpos pequenos e suaves.

Frequentaram as mesmas escolas. Competiram académica e socialmente durante a vida inteira. Alimentavam-se um ao outro e encontravam no outro a única pessoa que entendia que se situavam acima das regras comuns que governavam a sociedade.

A mãe de Kevin deu-o à luz e depois entregou-o a assistentes pagos para poder continuar a perseguir as suas próprias ambições. A mãe de Lucias tinha-o mantido junto dela, descobrindo nele a sua única ambição.

Ambos tinham sido sufocados com excessos e todos os caprichos foram satisfeitos; foram dirigidos para serem superiores enquanto lhes ensinavam a não aceitar menos que o melhor.

Agora que eram homens feitos, como Lucias tanto gostava de dizer, podiam fazer o que lhes apetecesse.

Nenhum dos dois trabalhava para viver, nem precisavam de o fazer. Achavam risível a ideia de contribuir para uma sociedade da qual desdenhavam. Na casa que compraram juntos, criaram o seu próprio mundo, as suas próprias regras.

A regra principal era nunca, nunca se deixarem aborrecer.

Lucias virou-se para um monitor, examinando os vários componentes e equações que passavam no ecrã. *Sim*, pensou, *sim*. Estava correto. Era perfeito. Satisfeito, foi até ao bar, uma resplandecente peça antiga de 1940, e preparou uma bebida.

— Uísque e soda — disse. — Vai fazer-te bem.

Kevin limitou-se a acenar com a mão, suspirando pesadamente.

— Não sejas entediante, Kev.

— Olha, desculpa lá. Estou apenas um pouco perturbado porque matei uma pessoa.

Com uma risada, Lucias levou os copos de balão para o outro lado da sala.

— Não importa. Se importasse, eu estava muito zangado contigo. Afinal, fui muito claro quanto à dose e à substância que devias usar. Não devias ter misturado as duas soluções, Kevin.

— Já sei disso. — Irritado, Kevin pegou no copo e franziu o sobrolho para o seu conteúdo. — Deixei-me entusiasmar com tudo aquilo. Nunca tinha tido uma mulher tão completamente enfeitada comigo. Não sabia que as coisas podiam ser assim.

— Mas a intenção do jogo era mesmo essa, não era? — Com um sorriso, ergueu o copo num brinde e bebeu. — As mulheres nunca são aquilo que queremos que sejam. Cristo, olha para as nossas mães. A minha não tem a menor vontade própria e a tua é implacável.

— Pelo menos a tua demonstra algum interesse por ti.

— Não sabes a sorte que tens. — Lucias gesticulou com o copo. — Se não me mantivesse afastado dela, a cabra pendurava-se no meu pescoço como um colar. Não me admira nada que o velho e querido pai passe tanto tempo fora da cidade.

Lucias estendeu as pernas.

— De qualquer maneira, de volta ao assunto. Mulheres. Se alguma se interessou por qualquer um de nós, foi normalmente uma intelectual entediante ou uma caçadora de fortunas sem pinga de inteligência. Nós merecemos melhor, Kevin. Merecemos exatamente as mulheres que desejamos e na precisa maneira em que as desejamos.

— Pois merecemos. Claro que merecemos. Mas, por Deus, Lucias, quando percebi que ela estava morta...

— Sim, sim. — Lucias sentou-se na outra cadeira do par e inclinou-se para a frente. — Conta-me lá outra vez.

— Ela era tão sensual. Linda, exótica, confiante. O tipo de mulher que sempre desejei. E não conseguia tirar as mãos de cima de mim. Podia tê-la tido no táxi, no elevador. Marquei uma data de pontos mesmo antes de entrarmos no apartamento dela.

— Já os vamos contabilizar. — Lucias acenou impacientemente com a mão. — Continua.

— Tive de a acalmar uma série de vezes. Não queria que acabasse depressa de mais. Queria aproveitar o romance da ocasião, para benefício dos dois. Queria passar pelos lânguidos passos da sedução. E claro... — os primeiros sinais de divertimento cruzaram o rosto dele, — continuar a marcar tantos pontos quanto possível, durante o tempo que tinha à minha disposição.

— Naturalmente — concordou Lucias, com um brinde.

— Estava a funcionar. Ela deixou-me fazer o que me apeteceu. E estava a gostar.

— Sim, sim. E depois?

— Disse-lhe para esperar para que pudesse compor o cenário no quarto. Exatamente como tinha planeado. Era perfeito. Tudo estava perfeito. A iluminação, a música, o perfume no ar.

— E ela rendeu-se a ti.

— Sim. — Kevin suspirou, permitindo que as memórias o voltassem a inundar. — Levei-a ao colo para o quarto. Despi-a, tão lentamente, enquanto ela estremecia para mim. Começou a gemer. Mas depois, ficou letárgica.

Lucias fez girar o gelo no copo.

— Tinhas-lhe dado demasiado.

— Eu sei, mas queria mais, caramba. — A boca virou-se para baixo, a voz estava toldada pela fúria. — Não era suficiente que ela ficasse ali deitada como um droide. Queria-a excitada, descontrolada. Depois de tudo o que tinha feito, era o que eu merecia.

— Claro que sim. Foi então que lhe deste Coelho.

— Devia tê-lo diluído. Sei disso. Mas fui cuidadoso, deitei apenas umas gotas na língua dela. Lucias... — Humedeceu os lábios. — Ela ficou louca. Excitada e a gritar. A implorar-me que a possuísse. Ela implorou-me, Lucias. Acasalámos como animais. Levámos o romance e a sedução ao seu estado mais primitivo. Nunca me senti assim. Quando me vim, foi como se tivesse acabado de nascer.

Estremeceu e bebeu um trago.

— Quando acabou, fiquei ali deitado, exausto, a deslizar com o corpo dela por baixo do meu. Beijei-a e acariciei-a, para ela saber que me tinha agradado. Depois olhei para ela. E ela fitou-me. Limitou-se a fitar-me incessantemente. A princípio não entendi, mas depois... Percebi que estava morta.

— Tu renasceste — disse Lucias — e ela morreu. As derradeiras experiências. — Bebeu um gole e ponderou. — Pensa nisso, Kevin. Ela morreu mais ou menos da mesma maneira com que nós fomos concebidos. Com um acasalamento frenético induzido por químicos. Por um lado foi uma experiência com resultados superiores. Se nos é permitida a falta de modestia.

— É permitida, pois — concordou Kevin, com uma gargalhada.

— Por outro lado, foi um jogo. E um jogo bem jogado, considerando que foi a primeira ronda. Agora é a minha vez.

— O que queres dizer com isso? — Kevin colocou-se de pé com um salto enquanto Lucias se levantava. — Não podes estar a falar a sério. Não podes continuar com isto.

— Claro que posso. Por que motivo só tu te podes divertir?

— Lucias, por amor de Deus...

— Foi estúpido da tua parte atirares o corpo dela pela janela. Se a tivesses deixado ali e saído do apartamento, teriam demorado mais tempo a encontrá-la. Vais perder pontos pela falha de estratégia. Eu não vou cometer o mesmo erro.

— Como assim? — Kevin agarrou-lhe no braço. — O que vais fazer?

— Kev, nós estamos nisto juntos. A planear e a executar. Quando começámos, pensámos que seria apenas um pouco de divertimento, uma espécie de interregno que serviria para expandirmos as nossas experiências sexuais. E, a um dólar por ponto, uma competição descontraída para nos manter entretidos.

— Mas ninguém se devia magoar com isto.

— E tu não te magoaste — salientou Lucias. — Quem mais importa? O jogo é nosso.

— Sim. — A lógica era indiscutível e acalmou-o novamente. — Isso é verdade.

— E agora, pensa um pouco. — Lucias girou, de braços abertos. — De certa forma, é o mais fascinante dos círculos. Do nascimento à morte. Não vês a ironia, a beleza de tudo isto? As mesmas drogas que foram usadas para ajudar à nossa existência, foram as mesmas que tu usaste para acabar com a existência de outra pessoa.

— Sim... — Kevin sentia-se a ser puxado para a emoção do argumento. — Sim, mas...

— As apostas estão mais elevadas e muito mais interessantes. — Lucias virou-se novamente e deu um apertão masculino e congratulatório no braço de Kevin. — Kevin, tu és um assassino.

Ele empalideceu, mas o brilho de respeito nos olhos de Lucias fê-lo envaidecer-se.

— Foi accidental.

— Tu és um assassino. Como posso eu ser menos que tu?

— Queres dizer que... — A excitação começou a reunir-se no seu estômago. — Deliberadamente?

— Olha para mim. Diz-me, e sabes que não podes mentir-me, não a mim, que a morte dela às tuas mãos não fez parte da emoção. Não foi, realmente, a parte mais significativa?

— Eu... — Kevin agarrou no copo, bebeu um trago de uísque. — Sim. Deus, foi, sim.

— Serias capaz de me negar a mesma experiência? — Colocou um braço por cima dos ombros de Kevin, levando-o em direção ao elevador. — Afinal, Kevin, são apenas mulheres.



...

O nome dela era Grace. Era um nome tão doce, tão antiquado. Trabalhava como assistente na biblioteca da cidade de Nova Iorque, na entrega de discos e livros preciosos aos patronos que se instalavam nas salas de leitura para estudar, pesquisar, ou simplesmente para passar algum tempo no meio da literatura.

Ela adorava poesia.

Tinha vinte e três anos; era uma loura bonita e delicada, de natureza tímida e coração generoso. E já estava apaixonada por um homem que se chamava Dorian e a cortejava na segurança do mundo virtual.

Não contara a ninguém sobre ele. O facto de ninguém saber fazia com que tudo fosse mais especial, mais romântico. Para o primeiro encontro, comprou um vestido com uma saia comprida e fluida em tons pastel que a fazia pensar em arco-íris.

Quando saiu do pequeno apartamento para apanhar o metro até à parte alta da cidade, sentiu-se muito atrevida, muito adulta. Imaginava que ia tomar uma bebida no Starview Lounge com o homem com quem estava convencida que ia casar.

Tinha a certeza que ele seria bonito. Tinha de ser. Sabia que era rico e eloquente, assim como um grande viajante, um homem que adorava os livros e poesia tanto quanto ela.

Eram almas gémeas.

Estava demasiado feliz para se sentir nervosa, demasiado segura com o resultado daquela noite para ter qualquer dúvida.

Estaria morta antes da meia-noite.

O nome dela era Grace e tinha sido a sua primeira. Não apenas a primeira vítima, mas a primeira mulher. Nem mesmo Kevin sabia que ele nunca conseguira completar o ato sexual. Até àquela noite.

Tinha sido um verdadeiro deus na cama estreita do patético e minúsculo apartamento. Um deus que fez com que a mulher por baixo dele gritasse, chorasse e implorasse por mais. Tinha balbuciado o seu amor por ele, concordado com cada exigência. Os olhos vidrados e drogados dela fitavam com adoração o rosto dele, não obstante o que ele lhe fazia.

Tinha ficado tão surpreendido por ela ser virgem que da primeira vez se veio depressa de mais. Mas ela disse que foi maravilhoso, que esperara por ele durante toda a vida. Que se guardara para ele.

E até o desprezo que sentiu por ela o excitou.

Quando tirou o último frasco do saco, mostrou-lho de modo a que o

vidro e o líquido brilhassem à luz das velas. Quando ele lhe disse para abrir a boca, ela obedeceu, como um passarinho à espera da minhoca.

Investindo com força para dentro dela, sentiu o coração de Grace a galopar. Sentiu-o rebentar. E sabia que Kevin tinha razão. Era como nascer de novo.

Observou-a depois de a usar completamente, quando o corpo dela arrefeceu entre os lençóis emaranhados e as pétalas de rosa. E percebeu outra coisa. Que aquilo era um direito seu. Ela representava todas as raparigas que alguma vez ignoraram as necessidades dele, ou que lhe viraram as costas quando ele se mostrou incapaz de fazer a sua parte. Todas as que alguma vez o recusaram, o negaram e se riram dele.

Essencialmente, ela não era nada.

Vestiu-se, sacudiu as mangas do casaco do fato, puxou os punhos. Deixou as velas a arder e saiu descontraidamente. Mal podia esperar para chegar a casa e contar a Kevin.

Eve sentia-se maravilhosamente. Sexo e sono, pensou. Era difícil encontrar uma combinação melhor. Depois, quando se começava o dia com umas braçadas rápidas na piscina, uma chávena monstrosa de café verdadeiro e suficientemente forte para partir tijolo, era como estar no Céu.

Pela maneira como se sentia, achava melhor os criminosos meterem folga naquele dia.

— Estás com um ar muito repousado, Tenente. — Roarke estava encostado à ombreira da porta que separava os escritórios de ambos.

— Estou pronta para entrar em ação — disse ela, olhando para ele por cima do rebordo da chávena de café. — Presumo que tenhas montes de assuntos para pôr em dia.

— Já lhes dei um bom avanço.

Eve resfolegou.

— Pois, nada mau, mas eu estava mesmo a pensar em trabalho.

— Ah. Também já dei um bom avanço ao trabalho. — Atravessou a porta e entalou-a entre o seu corpo e a secretária. Debruçando-se, fez uma festa ao gato que se tinha enroscado ao comunicador como se fosse um cobertor.

— Estás a atrapalhar-me, amigo, e tenho hora marcada para começar a trabalhar.

— Mas ainda tens cinco minutos.

Eve inclinou a cabeça para olhar para a unidade de pulso.

— Tens razão. Cinco minutos. — Deslizou os braços em redor da cintura dele. — Ainda devemos ter tempo para... — No momento em que apanhou o lábio inferior dele entre os dentes, ouviu passos a aproxima-

rem-se, o inconfundível ruído de sapatos a bater no chão. — A Peabody chegou mais cedo.

— Vamos fazer de conta que não a ouvimos — disse Roarke, mordiscando-lhe a boca. — Que não a conseguimos ver. — Delineou os lábios dela com a língua. — Que nem sequer nos lembramos do nome dela.

— É um bom plano, exceto... — Quando ele investiu seriamente num beijo, Eve teve quase a certeza de ter sentido o coração a derreter. — Acalma-te — murmurou no preciso instante em que Peabody entrou no escritório.

— Oh. Hmm. Hmm-mm.

Roarke virou-se, pegou em *Galahad* e coçou-lhe as orelhas.

— Olá, Peabody.

— Olá. Bem-vindo a casa. Se calhar, é melhor ir até à cozinha, beber um café e assim...

Mas quando se preparava para sair, Roarke estendeu o braço e levantou-lhe o queixo com o dedo, observando o rosto dela. Estava pálido e os olhos pesados, rodeados de sombras.

— Estás com um ar cansado.

— Acho que esta noite não dormi lá muito bem — murmurou. — Preciso do tal café. — E saiu apressadamente do escritório.

— Eve.

— Nem comeces — disse, levantando um dedo para o tom de voz calmo de Roarke. — Não quero falar disso agora. Não quero falar disso nunca, mas neste momento em especial, não quero mesmo falar disso. E se alguém me tivesse dado ouvidos quando disse que o facto de ela e o McNab andarem para aí embrulhados ia dar nesta confusão toda, *não* teríamos nada sobre o que falar, não é verdade?

— Corrige-me se estiver errado, mas acho que estás a falar disso.

— Oh, cala-te. A única coisa que sei é que ela vai ter de se aguentar à bronca e fazer o trabalho dela; e o mesmo terá de fazer ele. — Deu um pequeno pontapé mal-humorado à secretária antes de a contornar. — Agora vai-te lá embora.

— Estás preocupada com ela.

— Caramba, achas que não consigo ver que ela está magoada? Que isso não me afeta?

— Sei que consegues e que te afeta, sim.

Eve abriu a boca, mas ouviu mais passos no corredor.

— Deixa lá isso — murmurou. — Peabody — disse, levantando a voz. — O Feeney já chegou. Traz café fraco e doce.

— Como é que sabias que era eu? — perguntou Feeney ao entrar no escritório.

— Porque tu arrastas os pés.  
— O caraças que arrasto.  
— O caraças que não arrastas. Tu arrastas os pés, a Peabody tem os passos pesados e ao McNab só lhe falta saltar.  
— Se eu usasse sapatos iguais aos dele, também saltitava. Olá, Roarke, não sabia que já estavas de volta.  
— Acabei de chegar. Vou trabalhar aqui em casa durante mais ou menos uma hora — disse para Eve. — Depois vou para os escritórios da baixa. O livro fica aqui — acrescentou. — Estás à vontade para o transferir para um disco, se precisares.  
— Que livro? — perguntou Feeney.  
— Um livro de poesia. Parece que o nosso homem foi buscar o nome falso a um poema que um gajo chamado Keats escreveu há um par de séculos.  
— Aposto que nem sequer rima. Olha por exemplo Springsteen, McCartney, Lennon. Esses tipos é que sabiam como fazer rimas. As merdas deles são clássicas.  
— Não só não rima, como é estranho, deprimente e principalmente estúpido.  
— E depois dessa análise astuta, vou deixar-vos a trabalhar. — Com o gato ao colo, Roarke dirigiu-se para a porta do escritório. — Acho que estou a ouvir os saltos do McNab.  
Ele até podia estar a usar botas aéreas vermelhas, mas não parecia muito mais animado que Peabody. Dando o seu melhor para o ignorar, Eve sentou-se na beira da secretária e colocou-os ao corrente da situação.  
— Isso explica por que motivo também não tivemos sorte nos estabelecimentos cibernéticos — disse McNab. — Não fazia sentido que ninguém tivesse visto o tipo.  
— Podemos calcular algumas probabilidades morfológicas — matutou Feeney. — A estrutura facial mais provável, as cores naturais, as combinações. Mas estaríamos basicamente a trabalhar sem uma identificação visual.  
— Também calculei algumas probabilidades. O mais certo é procurarmos por um homem solteiro entre os vinte e cinco e os quarenta anos. Com um rendimento elevado, nível de instrução avançado, com um tipo qualquer de disfunção sexual ou perversão. É bastante provável que viva na cidade. Feeney, onde podia ele arranjar as substâncias ilegais tão caras?  
— Os traficantes de Coelho têm uma carteira de clientes bastante reduzida e exclusiva. Não há muitos. Que eu conheça, há apenas um traficante na cidade, mas posso verificar com os Narcóticos para ver se há mais. Quanto à Rameira, não conheço ninguém que a negocie. Não é rentável.

— Mas a certa altura foi usada como terapia sexual e como parte do treino dos AR?

— Certo, mas o preço era demasiado elevado e a substância demasiado imprevisível.

— Muito bem. — Mas sempre tinham mais pontas por onde puxar. — Para já vamos suspender a visita aos estabelecimentos cibernéticos. McNab, começa a investigar as mutações. Feeney, vê o que podes descobrir nos Narcóticos. Depois de conseguir que o Dickhead me identifique os tipos de massa facial, os melhoradores e a peruca, teremos um rasto para seguir. Tenho uma pista no vinho. A minha fonte diz-me que foram vendidas três mil e cinquenta garrafas daquela marca e ano neste distrito. A Peabody e eu vamos verificar e ver se conseguimos encontrar registo das rosas. Este tipo gasta dinheiro — o vinho, as flores, os melhoradores, as substâncias ilegais — por isso tem de deixar um rasto algures. Vamos encontrá-lo. Peabody, vens comigo.

Quando estavam no carro, Eve inspirou profundamente.

— Se estás com problemas em dormir, toma um comprimido.

— Que grande conselho, vindo de ti.

— Então considera-o uma ordem.

— Sim, chefe.

— Isto está mesmo a irritar-me. — Eve ligou o carro e saiu disparada pelo caminho de acesso à casa.

Peabody empinou tanto o queixo que Eve ficou surpreendida por não ter trespassado o vidro para-brisas.

— Peço desculpa se as minhas dificuldades pessoais são um aborrecimento para ti, Tenente.

— Se não consegues desencantar sarcasmo melhor que isso, mais vale desistires. — Passou pelos portões, depois travou subitamente. — Queres tirar uns dias?

— Não, chefe.

— Não me venhas com *esse* tom de voz, Peabody, que te dou um enxerto aqui e agora.

— Não sei o que se passa comigo. — A voz dela assumiu um tom queixoso. — Eu nem sequer *gosto* do McNab. Ele é irritante, é um idiota e um *estúpido*. Pronto, o sexo era ótimo, mas e depois? E talvez nos divertíssemos um pouco juntos. Grande coisa. Não tínhamos uma relação séria, nem nada disso. Até parece que ele tinha o direito de me fazer ultimatoss ou me dirigir comentários insultuosos e tirar conclusões idiotas.

— Já dormiste com o Charles?

— O quê? — Peabody corou. — Não.  
— Talvez devesse fazê-lo. Talvez, e não acredito que estou a ter esta conversa contigo, mas se aliviasses um pouco de stresse nessa área, conseguirias acalmar a cabeça. Ou qualquer coisa do estilo.  
— Nós... o Charles e eu somos só amigos.  
— Pois. És amiga de um profissional do sexo bastante dispendioso. Parece-me que ele estaria disposto a ajudar-te.  
— Não é exatamente a mesma coisa que emprestar-me uns trocos até ao dia de receber o ordenado. — Depois suspirou. — Mas talvez deva pensar no assunto.  
— Então pensa depressa. Vamos vê-lo agora.  
Peabody endireitou-se imediatamente no banco.  
— O quê? Agora?  
— A título oficial — disse Eve, voltando a ligar o carro. — Ele não é um perito em sexo? Então vamos ver o que o perito sabe sobre substâncias ilegais para usos sexuais.

O perito sexual tinha tirado a manhã de folga. Abriu a porta com umas calças de pijama de seda azul.

Na escala de homens gostosos, ele era uma verdadeira bomba calórica. Eve pensou que era fácil perceber por que motivo tinha tantas clientes a pagar por uma mordidela.

— Tenente, Delia. Mas que boa maneira de acordar, tê-las à minha frente.

— Desculpe arrancá-lo da cama — disse-lhe Eve. — Tem um minuto?

— Para si, Doce Tenente, tenho horas. — Charles recuou para as deixar entrar. — Porque não tomam o pequeno-almoço comigo? Tenho crepes no AutoChefe.

— Fica para a próxima — disse Eve antes que Peabody pudesse sequer acenar com a cabeça. — Está sozinho ou tem alguma cliente a dormir aqui?

— Estou sozinho. — A sonolência começou a desvanecer. — Trata-se de um assunto oficial?

— Estamos a investigar um caso e julgo que nos pode ajudar em alguns aspetos.

— É alguém que conheça?

— Bankhead, Bryna. Morava na baixa.

— A mulher que saltou da varanda? Mas isso não foi suicídio?

— Foi homicídio — corrigiu Eve. — A imprensa vai ter essa informação esta manhã.

— Porque não se sentam? Vou fazer café.

— Peabody, porque não vais tu fazer o café? — Eve escolheu um lugar na sala de estar bem mobilada. O sexo, quando era bem feito, dava muito dinheiro. — As perguntas que lhe fizer e qualquer aspeto desta investigação que possa vir a partilhar consigo, são confidenciais.

— Entendido. — Ele sentou-se à frente dela. — Presumo que desta vez não sou suspeito.

— Vou considerá-lo como um perito consultor, civil. — Eve tirou o gravador do bolso. — Oficialmente.

— Então presumo que o sexo mostrou o seu lado mais feio.

— Entrevista com Monroe, Charles, acompanhante registado — anunciou Eve. — Conduzida por Dallas, Tenente Eve, na qualidade de investigadora principal no caso H-78926B. Também presente, Peabody, Agente Delia. Senhor Monroe, está disposto a ser nosso consultor neste caso?

Ele conseguiu manter o rosto praticamente sério.

— Ajudarei no que puder, enquanto cidadão preocupado.

— O que sabe sobre a substância ilegal que nas ruas se denomina Rameira?

A expressão dele mudou instantaneamente.

— Alguém usou Rameira naquela pobre mulher?

— Responda à questão, Charles.

— Cristo. — Levantou-se e estava a andar de um lado para o outro quando Peabody regressou com o tabuleiro do café. — Obrigado, querida. — Pegou numa chávena e bebeu lentamente. — Quando comecei a estagiar, já era uma substância ilegal — continuou. — Mas ouvi imensas histórias sobre Rameira. No início fiz um seminário. Desvios Sexuais: os Sins e os Nãos. Esse tipo de coisa, sabe? Qualquer espécie de substância ilegal era um grande Não. Podem tirar-nos a licença. Como é óbvio, isso não significa que certos... facilitadores não sejam utilizados pelos AR com os seus clientes. Mas não esta droga em especial.

— Porquê?

— Antes de mais, como foi concebida para tornar os estagiários um pouco mais maleáveis, digamos assim, tem muito má reputação no nosso meio. A questão do escravo sexual enquanto jogo é muito interessante, mas não quando se trata da vida real. Somos acompanhantes sexuais profissionais, Dallas. Não somos prostitutas ou fantoches.

— Nunca conheceu ninguém que usasse esta substância?

— Apenas alguns dos profissionais mais velhos. Ouvem-se muitas histórias e a maior parte delas envolvem abusos de uma natureza ou de outra. Experimentações. Se derem uma dose a um AR estagiário, depois podem fazer-lhe o que quiserem. Como se fôssemos uns reles porquinhos-da-índia — disse com desdém.

— Ainda assim, é uma droga elitista. Conhece alguém que a utilize?  
— Não, mas posso procurar.  
— Com cuidado — avisou Eve. — E quanto a Coelho?  
Ele levantou um ombro, com muita elegância.  
— Só os amadores e os perversos usam Coelho, neles ou num parceiro. No meu meio é tido como uma substância pirosa e ultrajante.  
— Perigosa?  
— Se formos estúpidos ou descuidados, certamente que sim. Não se pode misturar com álcool nem com outro estimulante. E não queremos nunca sofrer uma overdose. As overdoses são extremamente raras porque o produto é mais caro que ouro líquido.  
— Conhece traficantes que lidem com ela? Clientes que a usem?  
Ele fitou a distância, depois ficou com um olhar perturbado.  
— Caramba, Dallas.  
— Não vou mencionar o seu nome.  
Ele abanou a cabeça, depois encaminhou-se para a janela e levantou o painel de privacidade. A luz entrou no apartamento às golfadas.  
— É mesmo importante, Charles. — Peabody aproximou-se dele e tocou-lhe no braço. — Se não fosse tão importante, não te fazíamos esta pergunta.  
— Eu não tomo substâncias ilegais, Delia. Sabes disso.  
— Eu sei.  
— E não me compete julgar os clientes que o fazem. Não sou o guardião da moral de ninguém.  
Eve inclinou-se para a frente e desligou o gravador.  
— Oficiosamente, Charles. E a minha palavra de que não serão feitas quaisquer queixas contra os seus clientes que usem substâncias ilegais.  
— Não vou dar-lhe o nome dela. — Virou-se de costas. — Não vou violar a confiança que tem em mim. Mas vou falar com ela. Hei de conseguir o nome do traficante. E esse sim, dou-lhe de imediato.  
— Agradeço. — O comunicador de Eve apitou. — Vou aceitar a chamada na cozinha.  
— Charles. — Peabody fez-lhe uma carícia no braço quando Eve saiu da sala. — Obrigada. Sei que te colocámos numa posição delicada.  
— As posições delicadas são o meu forte. — Fez um sorriso matreiro.  
— Estás com um ar cansado, Delia.  
— Pois. É o que tenho ouvido dizer ultimamente.  
— Porque não te faço um jantar numa noite desta semana? Podíamos ter um serão agradável, calmo. Vou verificar a minha agenda.  
— Seria ótimo.  
Quando ele se debruçou para roçar com os lábios nos dela, Peabody



fechou os olhos, esperou que a emoção a inundasse. Depois, quando nada aconteceu, apeteceu-lhe gritar. Era como se estivesse a beijar o irmão, pensou. Se algum dos seus irmãos fosse assim, tão lindo que até era pecado.

— O que te está a perturbar, querida?

— Uma série de coisas. — Peabody resmungou. — Uma série de coisas estúpidas. Estou a tentar resolvê-las.

— Se quiseres falar sobre isso, sabes que estou aqui.

— Sim, eu sei.

Eve saiu da cozinha e foi diretamente para a porta.

— Vamos embora, Peabody. Arranje-me um nome, Charles, assim que lhe for possível.

— Dallas? — Com um olhar rápido e apoloético para Charles, Peabody correu atrás dela. — O que foi?

— Temos outra vítima.